

Sandra Carolina Gomes de Matos

Prática de Ensino Supervisionada e estudo
de caso sobre a adaptação das crianças
pequenas ao contexto de creche

março de 2019



Sandra Carolina Gomes de Matos

Prática de Ensino Supervisionada e estudo
de caso sobre a adaptação das crianças
pequenas ao contexto de creche

Relatório Final de Estágio

Educação Pré–Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação de
Professora Doutora Esperança Ribeiro



março de 2019

Agradecimentos

A conclusão do meu percurso académico não seria possível sem o apoio de diversas pessoas e entidades que tiveram um papel fundamental para a concretização de mais uma etapa.

Em primeiro lugar, quero agradecer à Escola Superior de Educação de Viseu que me acolheu durante cinco anos e à minha orientadora Professora Doutora Esperança Ribeiro pelo apoio e orientação que permitiram a conclusão deste trabalho.

Agradeço a todos os orientadores e professores cooperantes que se demonstraram sempre disponíveis ao longo dos estágios, pela partilha de conhecimentos e opiniões que permitiram melhorar as minhas intervenções.

Um grande agradecimento a toda a minha família, em especial aos meus pais e ao meu irmão, pelo apoio incondicional, encorajamento, por mesmo longe estarem sempre presentes e por me ajudarem a concluir o sonho de vir a ser Educadora de Infância.

Obrigado à minha amiga e colega de estágio, Andreia Pereira, por todos os momentos partilhados. Agradeço a duas grandes amigas, Carla Fernandes e Tânia Ferreira, por todo o apoio, pela amizade e por tudo o que partilhamos juntas.

Aos amigos que mesmo longe me acompanharam sempre e provaram que há amizades que são insubstituíveis, obrigada pelo apoio e pelo carinho.

Por último, um agradecimento especial à melhor amiga, Marta Carvalho, por todos os momentos que partilhamos, por nunca me deixar desistir, por estar sempre presente e por acreditar em mim.

Resumo

Este Relatório Final de Estágio tem dois pontos fundamentais, a reflexão crítica sobre as práticas desenvolvidas nos estágios do 1.º Ciclo do Ensino Básico e da Educação Pré-Escolar e o estudo de caso sobre a adaptação das crianças pequenas ao contexto de creche.

O primeiro ponto refere-se às atividades desenvolvidas no decorrer dos estágios, às reflexões realizadas sobre as práticas pedagógicas, de forma a melhorar o desempenho enquanto futura profissional de educação. O segundo ponto remete para o estudo realizado no contexto de creche, incidindo na adaptação das crianças à creche. Com este estudo podemos compreender como é realizado o processo de adaptação numa dada instituição e a reação das crianças ao meio envolvente.

O trabalho foi realizado numa Creche numa ilha de um arquipélago português. O estudo recaiu sobre cinco crianças dos 7 meses aos 10 meses.

A investigação desenvolvida é de teor qualitativo, mais propriamente o estudo caso. Para a recolha de dados foram utilizados diversos instrumentos, a observação direta às cinco crianças da creche, a entrevista semiestruturada aos pais após as observações. Também recorremos à Escala de Empenhamento do Adulto, como forma de compreender a interação das duas Assistentes de Ação Educativa com as crianças.

No final de estudo foi possível compreender o processo de adaptação realizado na creche. As crianças demonstraram adaptar-se facilmente ao contexto, no entanto existe falta de diversidade e intencionalidade nas atividades propostas pelas Assistentes.

Palavras – Chave: creche; processo de adaptação; criança; família; estratégias do educador

Abstract

This Final Report of Internship has two fundamental points, the critical reflection on the practices developed in the stages of the First Cycle of Basic Education and Pre-School Education and the case study on the adaptation of young children to the day-care context.

The first point refers to the activities developed in the course of the internships, reflections on pedagogical practices, in order to improve performance as a future education professional. The second point refers to the study carried out in the context of day care, focusing on the adaptation of children to day care. With this study we can understand how the adaptation process is carried out in a given institution and the children's reaction to the environment.

The work was carried out in a nursery on the island of a Portuguese archipelago. The study involved five children from 7 months to 10 months of age.

The research developed is of qualitative content, rather the case study. To collect data, several instruments were used, direct observation of the five children at the day care center, and the semistructured interview with the parents after the observations. We also use the Adult Empowerment Scale as a way to understand the interaction of the two Educational Assistants with children.

At the end of the study it was possible to understand the adaptation process carried out in the nursery. The children have shown to adapt easily to the context, however there is a lack of diversity and intentionality in the activities proposed by the Assistants.

Keywords: nursery; adaptation process; child; family; strategies of the educator

Índice

Agradecimentos	i
Resumo.....	ii
Abstract.....	iii
Introdução geral	1
Parte I - Reflexão crítica sobre as práticas em contexto	2
1.1. Nota introdutória.....	2
1.2. Contextualização dos estágios desenvolvidos	3
1.3. Apreciação crítica das competências desenvolvidas	5
1.3.1. No 1.º Ciclo do Ensino Básico	7
1.3.2. Na Educação Pré-Escolar	11
1.4. Síntese global da reflexão.....	21
Introdução	23
1. Definição do problema	23
1.1. Enunciado do problema	23
1.2. Justificação e relevância do estudo.....	24
1.3. Definição de objetivos da investigação.....	25
2. Revisão da literatura	25
2.1. Educação em creche	25
2.2. Adaptação das crianças à creche	27
2.2.1. Relação creche – família.....	28
2.2.2. Relação Educador – criança	30
2.2.3. Comportamento da criança no processo de adaptação	32
3. Metodologia	33
3.1. Plano de investigação e método	33
3.2. Participantes	34
3.3. Técnicas e instrumentos de pesquisa	34
3.4. Procedimentos	35
4. Análise e discussão dos resultados	36
4.1. Mecanismos adotados na creche para facilitar a adaptação.....	36
4.1.1. Observação direta das crianças	37
4.1.2. Observação direta das assistentes de ação educativa	39

4.1.3. Auscultação aos pais.....	41
Conclusão	43
Referências bibliográficas	46
Anexo 1 – Pedido de autorização	48
Anexo 2 – Programa de acompanhamento inicial.....	49
Anexo 3 - Observações da creche (5 meses até aquisição de marcha)	50
Anexo 3 – Entrevista.....	55
Anexo 4 – Entrevista mãe da criança C	55
Anexo 5 – Entrevista mãe da criança D	56
Anexo 6 – Entrevista mãe da criança E	56

Índice de tabelas

Tabela 1 - Níveis nas categorias da Escala de Empenhamento do Adulto das Assistentes de ação educativa	41
--	----

Introdução geral

O presente Relatório Final de Estágio foi realizado no âmbito das Unidades Curriculares de Prática de Ensino Supervisionada do 1.º CEB I e II e da EPE I e II do curso de Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Esta componente curricular tornou-se fundamental uma vez que proporcionou o contacto com o contexto real tanto no 1.º CEB como na Educação Pré-escolar.

Este relatório tem como objetivo principal apresentar o estudo realizado na Educação em creche, onde me proponho a, através da observação, compreender a adaptação das crianças à mesma.

Assim, o relatório encontra-se dividido em duas partes fundamentais, a reflexão crítica sobre as práticas em contexto e o trabalho de investigação. A primeira parte do relatório, reflexão crítica sobre os contextos, aborda duas reflexões críticas sobre os dois ciclos de ensino em que efetuei o estágio, tendo sido estes o 1.º Ciclo do Ensino Básico (2.º e 3.º ano de escolaridade) e a Educação Pré-Escolar. Aqui irei debruçar-me sobre as competências que desenvolvi no decorrer do estágio, as dificuldades sentidas e momentos que contribuíram para a minha aprendizagem. Já a segunda parte do trabalho subdivide-se em quatro partes, definição do problema, revisão da literatura, metodologia e resultados. A primeira parte, definição do problema, define o problema em estudo, a delimitação do estudo, justificação do mesmo, as palavras-chave e a definição dos objetivos do estudo em questão. A segunda parte, revisão da literatura, abarca conceitos e informação essencial para a compreensão do processo de adaptação em creche, mais especificamente, a evolução da educação no contexto de Educação de Infância, a definição de adaptação, como a criança reage a este processo e como pode ser realizado, a importância da relação creche-família para que a adaptação ocorra da melhor forma, relação educador criança, centrando-se no papel do educador para facilitar este processo e o comportamento da criança no decorrer da adaptação. A terceira parte, metodologia, refere-se ao plano de investigação, à justificação de escolha de caso, às técnicas e instrumentos de pesquisa, as atividades a desenvolver e a análise e tratamento de dados. Por fim, a quarta parte apresenta os resultados da investigação.

Neste sentido, pretendo compreender como é realizado o processo de adaptação em creche, como reagem as crianças, os pais/ familiares e os próprios educadores e se a instituição se prepara para a chegada de novas crianças.

Parte I - Reflexão crítica sobre as práticas em contexto

1.1. Nota introdutória

O docente e o Educador de infância são eternos aprendizes que devem estar em constante atualização e reflexão sobre os métodos de ensino, bem como à procura de soluções para os problemas que surjam. Deste modo, torna-se fundamental refletir sobre as práticas de estágio desenvolvidas ao longo dos dois anos de mestrado, bem como clarificar o conceito de reflexão e a importância do mesmo no decorrer das práticas como profissional da educação.

Assim, a reflexão é essencial para que os professores e educadores pensem e questionem sobre as suas práticas. Segundo Dewey (1993, citado por Alarcão, 1994), a reflexão é um modo “ de pensar, [que] implica uma perscrutação ativa, voluntária, persistente e rigorosa daquilo em que se julga acreditar ou daquilo que habitualmente se pratica, evidencia os motivos que justificam as nossas acções ou convicções e ilumina as consequências a que elas conduzem” (p.3). Neste sentido, é essencial que os professores/educadores reflitam sobre as suas intervenções, questionando-se sobre os pontos positivos e negativos, para que assim saibam o que devem alterar ou manter, de forma a melhorar as suas estratégias, proporcionando momentos motivadores e com significado para as crianças.

Um professor/educador reflexivo é um professor/educador que está constantemente a pensar sobre o seu trabalho. É um professor/educador que planifica, avalia a sua prática e reflete sobre a mesma, de forma a melhorar a sua intervenção. Na Educação de Infância, a reflexão “consiste numa ação que leva à reestruturação de práticas educativas para o melhor atendimento e desenvolvimento global da criança” (Marques, Oliveira, Santos, Pinho, Neves & Pinheiro, 2007, p. 130).

Também é essencial que o professor/educador questione permanentemente as suas ações, o impacto que elas tiveram nos alunos/crianças, bem como os seus resultados, de forma a perceber as alterações que deve efetuar para adequá-la ao contexto educativo. Assim, é essencial saber “autoavaliar-se, [bem] como avaliar as intenções pedagógicas” (Marques et al., 2007, p. 131), pois só a partir desse confronto é que as poderemos reformular, para assim proporcionar momentos motivadores e de interesse para os alunos/crianças.

Ao longo das práticas, o professor/educador deve ter em conta as

características, interesses, emoções e comportamentos das crianças, de forma a ajustar a sua postura e atitude face aos problemas e questões emergentes, para assim aprender a estar e a agir, interpretando, lembrando, melhorando e evoluindo pela reflexão-na-ação e sobre a ação (Schon, 1992, citado por Rosa & Vasconcelos, 2010, p.94).

Deste modo, ao longo da minha reflexão sobre as minhas Práticas de Ensino Supervisionadas, pretendo refletir sobre as planificações, as atividades desenvolvidas, os relatórios semanais, as áreas de conteúdo mais trabalhadas e outras dinamizações ocorridas ao longo dos estágios, de forma a perceber quais os pontos positivos e negativos, o que devo alterar para melhorar as minhas planificações e intervenções, para assim tornar cada atividade mais desafiadora e interessante para os alunos/crianças.

A reflexão permite pensar e questionar sobre a minha ação no decorrer do meu percurso profissional, para que possa crescer enquanto profissional da educação e possibilitar aos alunos/crianças momentos únicos e de interesse das mesmas para que assim cada atividade e momento tenha significado para elas.

1.2. Contextualização dos estágios desenvolvidos

As Práticas de Ensino Supervisionadas (PES) I e II, no primeiro ano de estágio recaíram no 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB), em diferentes anos de escolaridade o que permitiu-nos conhecer diferentes contextos, planificar e desenvolver atividades dinâmicas e estimulantes para os alunos, tendo sempre em conta as características e o ritmo de cada turma e de cada aluno.

Assim, é necessário dar a conhecer as turmas em que se desenvolveram as diferentes atividades, sendo que a primeira turma corresponde a uma turma do 2.º ano do Ensino Básico do Centro Urbano de Viseu, sendo constituída por 26 alunos, 13 raparigas e 13 rapazes, com idades compreendidas entre os 7 e 8 anos. Era uma turma bastante heterogénea no que se refere aos níveis de aprendizagens. Os alunos demonstraram ser muito curiosos, dinâmicos, interessados em aprender e aumentar o seu conhecimento. No entanto, também foi possível verificar algumas dificuldades gerais existentes na turma, principalmente ao nível das atitudes, na medida em que eram alunos muito irrequietos, participavam desordenadamente, eram muito faladores, o que resultava na falta de atenção/concentração, que por sua vez, levava ao

incumprimento de algumas regras.

No que se refere às dificuldades de aprendizagem estas incidiram essencialmente na oralidade, na grafia, leitura e na resolução de problemas. Esta turma também apresentava ritmos de aprendizagens diferenciados, tendo sido necessário por vezes apoiar alunos de forma individualizada para assim colmatarem as suas dificuldades. Também ao longo da PES I, foi necessário elaborar materiais diferenciados para um dos alunos, pois este apresentava maiores dificuldades do que os restantes colegas.

Já no que se refere à segunda turma, esta como a anterior encontrava-se inserida numa escola no Centro Urbano de Viseu, onde tivemos a oportunidade de estagiar com uma turma do 3.º ano de escolaridade. A turma era constituída por 22 alunos, mais precisamente 15 rapazes e 7 raparigas com idades compreendidas entre os 9 e 12 anos, na sua maioria tinham 9 anos. Esta inclui quatro alunos abrangidos pelo decreto-lei 3/2008.

Através da Prática de Ensino Supervisionada II pode-se constatar que a turma é muito heterogénea, tanto ao nível do comportamento como da aprendizagem, tendo alunos que apresentavam grandes facilidades na compreensão e “aplicação” da matéria, possuíam um vocabulário extenso e também demonstravam saber mais e interessar-se mais pelo que estava estipulado pelos docentes ou nos manuais. Por outro lado, existiam alunos com grandes dificuldades de compreensão e resolução de exercícios, muitas das vezes devido à falta de atenção e concentração. De um modo geral, eram alunos bastantes curiosos, participativos, demonstravam interesse em aprender, eram pontuais e a maior parte da turma era bem comportada e empenhada.

No que concerne às principais dificuldades dos alunos em geral, estas focaram-se essencialmente na escrita (ortografia e produção de textos), resolução de problemas, também revelavam imaturidade/irresponsabilidade, o que dificulta a concentração/atenção tornando-se um dos impedimentos da aprendizagem e por vezes não cumpriam as regras estipuladas.

Assim, estes dois contextos eram muito diferenciados, não só por serem níveis de ensino diferentes mas também ao nível do comportamento, sendo que a primeira turma ao contrário da segunda era muito mais irrequieta e faladora, este facto também pode advir da diferença de idades das crianças nas duas turmas. Um ponto em comum entre ambas é o facto de os alunos se sentirem sempre muito motivados aquando de atividades relacionadas com a área de expressões artísticas, o que fazia com que estes se mantivessem empolgados para as restantes tarefas.

De um modo geral, tentamos desenvolver com ambas as turmas aprendizagens motivadoras e estimulantes, para assim, tornar o ensino-aprendizagem mais dinâmico e entusiasmante para os alunos, de forma a desenvolver nos mesmos motivação para aprender e construir o seu conhecimento.

No decorrer do segundo ano do Mestrado, tive a oportunidade de realizar as minhas práticas pedagógicas num Jardim-de-Infância, a sala onde decorreu o meu estágio foi a sala 1 (amarela), sendo o grupo constituído por 23 crianças dos 2/3 anos aos 6 anos. Nesta sala existiam apenas 4 meninos, sendo as restantes crianças do sexo feminino. Este grupo era composto por crianças muito heterogéneas, o que tornava o grupo mais desafiante e interessante. Apresentavam diferentes interesses e preferências, níveis de dificuldade e ritmos de aprendizagens diversificados. Nesta sala, as crianças tinham disponíveis sete áreas de interesse, sendo estas: a área da biblioteca, a área da cozinha, a área do quarto, a área do conhecimento do mundo, a área dos legos, a área da arte e a área dos jogos. Deste modo, posso referir que as crianças tinham disponíveis diversos materiais para explorarem e manipularem, no entanto existiam áreas em que o espaço era muito reduzido o que dificultava, por vezes, algumas brincadeiras.

Ao desenvolver o estágio neste local fiquei a conhecer um contexto diferente que, por sua vez, se destacou pelas estratégias e metodologias aplicadas de modo a incidir nas aprendizagens das crianças. É importante referir que, grande parte das atividades desenvolvidas em contexto de sala que tive a oportunidade de observar, advieram essencialmente dos interesses das crianças e, também, do que foi pensado no momento, possibilitando que a criança tivesse um papel ativo na construção desse mesmo momento, tornando-o assim, mais significativo para a mesma.

1.3. Apreciação crítica das competências desenvolvidas

Como referi anteriormente, o profissional da educação deve estar em constante reflexão sobre as suas intervenções, assim torna-se relevante refletir sobre as competências que desenvolvi ao longo dos estágios. Primeiramente, é importante referir que o estágio possibilita o contacto com o contexto real, o que se tornou uma mais-valia, uma vez que permitiu alargar a nossa visão de tudo o que envolve a prática profissional da educação, colocar em prática os nossos conhecimentos, bem como conhecer as nossas potencialidades e limitações. Deste modo, ao longo dos estágios cresci muito não só como profissional mas também como pessoa, visto que estes

possibilitaram interagir com dois ciclos de ensino muito diferenciados mas ambos muito enriquecedores para a minha formação.

Em relação ao meu desempenho no 1.º Ciclo do Ensino Básico, este sofreu alterações no sentido em que inicialmente existiram algumas dificuldades de adaptação ao contexto de sala de aula e à turma, tendo influenciado no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, ao longo das práticas ganhei um maior à vontade com a professora cooperante e os alunos o que permitiu que a ansiedade e nervosismo inicial fossem diminuindo facilitando de alguma forma a introdução de conteúdos e explicação dos mesmos. Penso que consegui ultrapassar essas dificuldades de adaptação iniciais, podendo assim oferecer e proporcionar aos alunos aprendizagens significativas que os levassem a aprender e refletir sobre as aprendizagens.

Relativamente à Educação Pré-Escolar, apesar de ser o contexto pelo qual sempre nutri uma maior empatia, também com o decorrer das intervenções tive algumas dificuldades, não em interagir com as crianças, mas sim em ter a capacidade de expor um problema, uma brincadeira, um trabalho realizado por uma das crianças a todo o grupo, o que é algo que se deve ter em conta, visto que ao expormos um problema, uma brincadeira nova, um trabalho diferente, faz com que todas as crianças possam ajudar a resolver o problema, a propor outras formas de brincar partindo da brincadeira inicial, para que a criança em questão sinta o seu trabalho valorizado. Infelizmente, tive alguns problemas em dirigir-me para o grande grupo. Porém, tentei colmatar essas dificuldades através de uma interação maior com o grande grupo o que facilitou o diálogo com as crianças. Com o decorrer do estágio, apercebi-me da importância de conhecer o ritmo de cada criança, bem como as suas dificuldades e potencialidades, assim tentei propor sempre atividades adequadas a todas as faixas etárias. No entanto, quando alguma atividade não era adequada procurava propor uma atividade que se adequasse melhor à faixa etária em questão. Assim, com este estágio apercebi-me dos diferentes ritmos de aprendizagem de cada uma das crianças, os seus interesses, dificuldades, o que levou a criar atividades que partissem dos interesses ou dificuldades das crianças o que as deixa mais predispostas a participar na tarefa.

1.3.1. No 1.º Ciclo do Ensino Básico

A escola deve ser um espaço que inclua todos os alunos e lhes dê a possibilidade de aprender tanto conteúdos como formas de conviver, formando-os assim, para a vida em sociedade. Neste sentido, atualmente, a escola pode ser compreendida, de acordo com o Decreto de Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, como sendo um lugar que possibilite,

uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social.

Ao longo desta PES I, procurou-se elaborar e planificar atividades dinâmicas em que fosse o próprio aluno a construir o seu conhecimento, também houve o cuidado de proporcionar aos alunos tarefas criativas e facilitadoras do seu conhecimento.

Assim, como futura profissional da educação, penso que se deve ter em conta as diferentes características de cada aluno, não só as suas dificuldades mas também as suas potencialidades e, assim, favorecer um ensino que colmate as diferentes fragilidades e faça sobressair as potencialidades de cada aluno. Desta forma o professor, tendo em conta as suas práticas e conhecimentos sobre a turma, deve ter o cuidado de “refletir na ação, sobre a ação e sobre a reflexão na ação” (Câmara, 2015, p.17), para que assim continue o seu processo de construção de conhecimento e das suas práticas possibilitando ao aluno aprendizagens significativas.

De forma a melhorar as minhas práticas ao longo das PES I e II foi necessário refletir sobre as mesmas, para assim perceber os aspetos a alterar ou melhorar, neste sentido o professor deve refletir “criticamente sobre a prática cotidiana para compreender tanto as características dos processos de ensino-aprendizagem quanto do contexto em que o ensino ocorre, de modo que sua atuação reflexiva facilite o desenvolvimento autónomo e emancipador dos que participam no processo educativo” (Pérez Gómez, 1998, p. 373, citado por Costa, 2013, p. 4).

Assim, a reflexão auxilia na construção do conhecimento do professor, de

forma a perceber o que funcionou ou não na sua prática, o que pode vir a melhorar ou mudar para tornar o ensino mais significativo para os alunos e assim possibilitar uma aprendizagem mais enriquecedora para os mesmos.

Deste modo, ao longo da PES, tanto ao nível do desempenho como das planificações ocorreram alterações. As planificações no sentido em que deixamos de planificar de uma forma geral as atividades passando a planificá-las pormenorizando cada momento em cada dia tornando, assim, as planificações e atividades mais claras para quem as lê. Também ao longo do tempo fomos tendo cuidado com a construção dos materiais, para torná-los mais estimulantes o que também torna as aprendizagens mais significativas.

Em relação ao desempenho, este sofreu alterações no sentido em que inicialmente existiram algumas dificuldades de adaptação ao contexto de sala de aula e à turma, tendo influenciado no processo de ensino-aprendizagem. Também ao longo das práticas foi-se ganhando um maior à vontade com a professora cooperante e os alunos o que permitiu que a ansiedade e nervosismo inicial fossem diminuindo facilitando de alguma forma a introdução de conteúdos e explicação dos mesmos. No entanto, penso que consegui ultrapassar essas dificuldades de adaptação iniciais, podendo assim oferecer e proporcionar aos alunos aprendizagens significativas que os levassem a aprender e refletir sobre as aprendizagens.

Ao longo das Práticas de Ensino Supervisionadas, teve-se o cuidado de planificar de acordo com o contexto e faixa etária dos alunos, com as dificuldades e potencialidades de cada criança. Também houve o cuidado de formular objetivos claros e em congruência com os programas e metas de aprendizagem. No decorrer das práticas letivas, teve-se ainda o cuidado de interligar as diferentes áreas disciplinares para que houvesse um ensino articulado e integrado, para que ocorresse interdisciplinaridade que segundo Carvalho (2006, citado por Pereira, 2014) “prende-se pois, com a extensão da aplicação de conhecimentos de uma dada área a outra, ao mediar as divisões e fragmentações dos saberes” (p.21). A interdisciplinaridade torna o processo de ensino-aprendizagem mais significativo para os alunos, pois não permite a fragmentação das diferentes áreas disciplinares.

No que se refere à criação de materiais houve o cuidado de elaborar materiais que permitissem aos alunos a exploração dos mesmos para assim construírem o seu conhecimento ou sistematizarem algum conteúdo, pois ao colocá-lo em prática torna a sua compreensão mais fácil e dinâmica permitindo um melhor ensino-aprendizagem.

Relativamente às diferentes áreas curriculares, teve-se o cuidado de trabalhar

todas as áreas, no entanto desenvolvemos mais atividades nas áreas disciplinares de matemática e português por serem as que têm uma maior carga horária estipulada no horário. Ainda assim, tivemos a possibilidade de trabalhar todas as áreas disciplinares, sendo que a menos desenvolvida foi a área de expressões artísticas e expressão e educação físico-motora, pois verificamos que também eram as menos trabalhadas pelas docentes cooperantes, sendo que num dos casos nunca era trabalhada, verificando assim que os alunos apresentavam aí algumas dificuldades. Ao mesmo tempo, era a altura em que se encontravam mais entusiasmados e motivados, tendo sido uma opção nossa, por várias vezes, interligar estas áreas disciplinares com as de português, matemática e estudo do meio, o que facilitava, em muito, a aprendizagem dos alunos.

As áreas disciplinares de português e matemática eram áreas que motivavam a maioria da turma, mas também nas quais os alunos apresentam maiores dificuldades principalmente na compreensão e interpretação de textos, na redação e resolução de problemas na matemática.

Na PES, sempre que achámos pertinente usámos recursos tecnológicos, de forma a abordar ou pesquisar algum conteúdo, o que deixava os alunos muito entusiasmados e motivados para o que ia ocorrer de seguida, tal deve-se ao facto dos alunos não estarem habituados a utilizar tecnologias na sala de aula.

No decorrer das Práticas de Ensino Supervisionadas, estivemos sempre disponíveis para as atividades em contexto informal, ou seja, que se realizavam fora do contexto de sala de aula. Também tivemos a oportunidade de desenvolver a festa de Natal onde integramos alguns dos Encarregados de Educação, tendo esta resultado muito bem e sido muito apreciada pelos alunos. Com estas diversas atividades pretendíamos colaborar com toda a comunidade educativa integrando os mesmos em algumas das atividades desenvolvidas com os alunos.

Como já foi referido anteriormente é importante o docente estar em constante reflexão sobre o trabalho desenvolvido. Assim, tendo por base as dimensões estabelecidas no despacho n.º 16034/2010 dos Padrões de Desempenho Docente vou proceder a uma breve reflexão sobre as atividades desenvolvidas ao longo do estágio do 1.º CEB.

Neste sentido, irei abordar as quatro dimensões, sendo estas: a dimensão profissional, social e ética, a dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, a dimensão da participação na escola e relação com a comunidade educativa e a dimensão do desenvolvimento e formação profissional ao longo da vida.

A primeira componente vai abranger as estratégias utilizadas ao longo do estágio, reflexão sobre as mesmas e consequente melhoria. A segunda componente, dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, tem presente a estrutura da planificação, a interdisciplinaridade entre as diferentes áreas de conteúdo, a importância de alteração no espaço na sala e a avaliação das crianças, tendo por base os seus interesses e dificuldades. A terceira componente, dimensão da participação na escola e relação com a comunidade educativa, está centrada no envolvimento dos pais/encarregados de educação. O quarto e último ponto, dimensão do desenvolvimento e formação profissional ao longo da vida, contém a importância da reflexão para melhorar a minha prática pedagógica, dando a conhecer os pontos a melhorar, ou seja, nos quais senti mais dificuldades no decorrer do estágio.

Em relação à dimensão profissional, social e ética, apesar de tentarmos ao longo do estágio planificar tendo em conta as dificuldades e os interesses dos alunos, visto que eles demonstram um maior interesse quando os conteúdos partem das suas preferências, nem sempre foi possível fazê-lo, uma vez que estávamos condicionadas pelas solicitações do contexto de estágio.

Relativamente à segunda componente, dimensão do desenvolvimento do ensino e aprendizagem, como já referi anteriormente, tentámos, sempre que possível, planificar tendo por base os interesses das crianças, bem como as dificuldades que estas apresentavam ao longo das aulas, também procurámos que houvesse interdisciplinaridade entre todas as áreas, tal nem sempre aconteceu devido ao facto de no contexto se dar mais ênfase às áreas disciplinares de matemática, português e estudo do meio.

A terceira componente, dimensão da participação na escola e relação com a comunidade educativa, no estágio do primeiro semestre correu bem, visto que os encarregados de educação se demonstraram disponíveis e interessados nas propostas apresentadas, tendo dado origem à apresentação de uma peça de teatro com a participação dos pais.

No que concerne à última componente dimensão do desenvolvimento e formação profissional ao longo da vida, ao longo do estágio apresentei algumas dificuldades que tentei melhorar no decorrer do mesmo, refletindo no sentido de ir sempre melhorando.

Relativamente ao nosso futuro profissional, estamos conscientes de que não desenvolvemos todas as capacidades necessárias, no entanto sabemos que ao trabalharmos com uma turma ao longo de um ano letivo inteiro teremos a oportunidade

de continuar a desenvolvê-las. Neste sentido, é importante que o professor esteja em constante atualização e formação, assim na perspectiva de Câmara (2015) o professor deve ver a sua profissão “como um processo em constante evolução, sendo que, o mesmo terá de se responsabilizar e procurar manter-se sempre atualizado, no que diz respeito às questões da sua profissão, isto é, realizando investigações e fazendo formação contínua” (pp.21-22).

1.3.2. Na Educação Pré-Escolar

A Educação Pré-Escolar sempre me fascinou e foi uma das razões que me fez ingressar neste curso. Sempre tive grandes expectativas para este estágio pois, apesar de termos tido a oportunidade de experienciar o contexto da educação de infância, durante o último ano da licenciatura, no meu ponto de vista, o tempo que estivemos lá não foi o suficiente para termos um conhecimento mais aprofundado sobre as rotinas, as características e interesses de cada criança, bem como as diferentes estratégias utilizadas pela educadora. Assim, com o início do mestrado estive sempre expectante para iniciar esta nova etapa na educação pré-escolar e poder ter um conhecimento mais aprofundado sobre diversos aspetos deste nível.

No meu ponto de vista, a Educação Pré-Escolar tem um grande impacto na vida das crianças, possibilitando diversas experiências e aprendizagens, pois como referem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 2016, p.5), a Educação Pré-Escolar é considerada “a primeira etapa da Educação Básica no processo de educação ao longo da vida”, assim sendo proporciona à criança diversas vivências e aprendizagens importantes para o seu desenvolvimento, que podem-se tornar fundamentais na sua vida futura. Porém, estas aprendizagens só poderão ocorrer se o educador pensar o ambiente educativo como facilitador da aprendizagem da criança, e as suas ações, intencionalmente, tendo em conta os interesses das crianças e as suas vivências.

O educador tem o papel de desenvolver diversas atividades e experiências que permitam o desenvolvimento motor, linguístico, social, emocional e cognitivo das crianças. Para tal, deve partir dos conhecimentos prévios das mesmas e dos seus interesses, de forma a proporcionar experiências significativas

Ao pensar e ao refletir sobre a planificação é importante ter em conta o papel da criança em cada atividade, ou seja, o educador deve pensar na criança como o

agente ativo, na medida em que a mesma é a principal construtora do seu próprio conhecimento. Desta forma, o educador deve proporcionar experiências que permitam à criança explorar e manipular autonomamente diversos materiais que, por sua vez, permitam que aquelas se relacionem com os colegas, desenvolvendo um conjunto de capacidades, como a comunicação. É ainda importante referir que estas experiências permitem que as crianças se deparem com situações que lhes causam conflito, confrontando-se com a necessidade de encontrarem soluções para a resolução destas mesmas situações, desenvolvendo desta forma a capacidade de autonomia.

O educador deve ter a capacidade de colocar ao dispor da criança diversos recursos que estimulem a sua curiosidade e que, conseqüentemente a encaminhem para a exploração e questionamento desses mesmos recursos. Todavia, o educador deve selecionar os recursos que pretende que as crianças explorem, tendo por base as aprendizagens que o mesmo pretende que as crianças alcancem com a utilização desses mesmos recursos (Ministério da Educação, 2016).

O educador deve permitir que cada criança exponha as suas ideias, dúvidas e opiniões, dando espaço para elas se exprimirem, pois, dessa forma a criança “aprende a defender as suas ideias, a respeitar as dos outros e, simultaneamente, contribui para o desenvolvimento e aprendizagem de todos” (Ministério da Educação, 2016, p.9).

Também é necessário que o educador proporcione à criança um espaço e tempo para brincar, onde ela possa, em grupo ou individualmente, explorar diferentes momentos e situações através do faz-de-conta, possibilitando-lhe a exploração de diversos materiais desafiantes que, por sua vez, lhe permitam desenvolver comunicação, interações sociais e, também, o domínio da expressão oral. O brincar possibilita à criança desenvolver diversas competências, como a capacidade de “ter iniciativa, fazer descobertas, expressar as suas opiniões, resolver problemas, persistir nas tarefas, colaborar com os outros, desenvolver a criatividade, a curiosidade e o gosto por aprender” (Ministério da Educação, 2016, p.11).

No decorrer do estágio, tive a oportunidade de realizar as minhas práticas pedagógicas num Jardim-de-Infância, a sala onde decorreu o meu tinha um grupo, constituído por 23 crianças dos 2/3 anos aos 6 anos. Nesta sala existiam apenas 4 meninos, sendo as restantes crianças do sexo feminino. Este grupo era composto por crianças muito heterogéneas, o que tornava o grupo mais desafiante e interessante. As crianças apresentavam diferentes interesses e preferências, níveis de dificuldade e ritmos de aprendizagens diversificados. Nesta sala, as crianças tinham disponíveis sete áreas de interesse, sendo estas: a área da biblioteca, a área da cozinha, a área

do quarto, a área do conhecimento do mundo, a área dos legos, a área da arte e a área dos jogos. Deste modo, posso referir que as crianças tinham disponíveis diversos materiais para explorarem e manipularem, no entanto existiam áreas em que o espaço era muito reduzido o que dificultava, por vezes, algumas brincadeiras.

Ao desenvolver o estágio neste local fiquei a conhecer um contexto diferente que, por sua vez, se destacou pelas estratégias e metodologias aplicadas de modo a incidir nas aprendizagens das crianças. É importante referir que grande parte das atividades desenvolvidas em contexto de sala que tive a oportunidade de observar, advieram essencialmente dos interesses das crianças e, também, do que foi pensado no momento, possibilitando que a criança tivesse um papel ativo na construção desse mesmo momento, tornando-o, assim, mais significativo para a mesma.

Após uma breve consideração sobre a importância da reflexão na ação educativa sobre o papel do educador para que proporcione às crianças atividades dinâmicas e significativas, vou agora expor a minha opinião e reflexão sobre o estágio ao longo deste ano letivo, tendo por base as dimensões estabelecidas no despacho 16034/2010 dos Padrões de Desempenho Docente. Deste modo irei abordar as quatro dimensões que já foram enumeradas e explicadas no ponto referente ao estágio do 1.º CEB.

Relativamente à dimensão profissional, social e ética, ao longo do estágio tentei responder a alguns dos indicadores presentes nesta dimensão, principalmente no que concerne às atividades que partem dos interesses ou necessidades das crianças, visto que, desde o primeiro semestre que tentei propor e planificar atividades que resultassem das dificuldades ou necessidades das mesmas. Para que isto aconteça é importante que o educador constate que a criança é capaz de “construir o seu desenvolvimento e aprendizagem [encarando a criança] como sujeito e agente do processo educativo, o que significa partir das suas experiências e valorizar os seus saberes e competências únicas, de modo a que possa desenvolver todas as suas potencialidades” (Ministério da Educação, 2016, p.9).

Assim, com o decorrer do estágio, foi possível ter uma maior perceção da diferença existente quando a atividade parte dos interesses das crianças. Isto ocorreu principalmente no segundo semestre de estágio, uma vez que, pela primeira vez contactei com o trabalho por projecto. Segundo Leite, Malpique e Santos (1989), “o trabalho de projecto é uma metodologia assumida em grupo que pressupõe uma grande implicação de todos os participantes”. O desenvolvimento desta metodologia de trabalho, permitiu que todas as crianças tivessem uma voz ativa na decisão do

tema a trabalhar, visto que as crianças tiveram a oportunidade de propor os temas, pois ao procedermos ao levantamento do que as crianças gostavam de saber, tentamos que todas participassem nessa mesma decisão.

Com o trabalho por projeto, ao contrário do que aconteceu no primeiro semestre, as crianças tiveram muito mais envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, o que tornou a aprendizagem mais significativa para as mesmas. Desta forma, penso que esta metodologia vai ao encontro das necessidades e interesses das crianças, o que no meu entender é essencial para as aprendizagens. Assim pretendo utilizar esta metodologia futuramente, no entanto tenho que continuar a minha pesquisa sobre o tema para aumentar o meu conhecimento sobre o mesmo para que possa desenvolvê-lo de forma adequada.

Ao longo do estágio, procurei diversificar o modo como as crianças se encontravam organizadas, de modo a que estas fossem capazes de trabalhar de forma individual, em pequeno e grande grupo, tendo todas estas formas de organização benefícios para a aprendizagem das crianças. No entanto, a organização do grupo, maioritariamente, recaiu sobre o pequeno grupo, visto que o grupo de crianças com quem trabalhei era muito heterogêneo, participativo e curioso. Assim, ao optar pelas atividades em médios e pequenos grupos, permitiu que estes partilhassem as suas ideias e dificuldades, se auxiliassem uns aos outros, sugerindo soluções para problemas que surgiam, propondo outras formas de trabalhar, tornando, assim, a atividade mais dinâmica e interessante para cada uma das crianças. Também optei por, ao longo do estágio, diversificar o espaço onde desenvolvia as atividades, tendo optado não só pela sala de atividades, mas também pela sala de prolongamento e pelo espaço exterior, sendo este último o espaço de preferência das crianças. No meu entender deveria ter explorado mais este espaço com as crianças, uma vez que este “é um local privilegiado para as atividades da iniciativa das crianças que, ao brincar, têm a possibilidade de desenvolver diversas formas de interação social e exploração de materiais naturais” (Ministério da Educação, 2016, p.27). Porém, tentava sempre que estas fossem todos os dias à rua para explorarem livremente o espaço e escolherem os seus pares, isto ocorria no período da manhã, ou negociava com elas para perceber se preferiam ir para o exterior ou permanecer na sala de atividades no tempo destinado às áreas de interesses.

Os educadores e professores em geral devem ter em conta que, para desenvolverem uma boa prática pedagógica, devem estar em constante atualização, de modo a aprofundarem o seu conhecimento sobre diversos assuntos, metodologias

e estratégias de ensino, para assim poderem ir ao encontro das dificuldades e interesses das crianças. Com o decorrer do estágio, tive sempre a preocupação de tentar ir ao encontro das necessidades das crianças e do que a educadora solicitava, para tal foi necessário, na maior parte das vezes, recorrer a pesquisa e informar-me sobre metodologias que pudessem proporcionar momentos mais dinâmicos que as crianças necessitavam naquele preciso momento. Também, optei, algumas vezes, em recorrer aos tutores de estágio e à educadora, pois os tutores detêm um conhecimento muito importante para que nós consigamos melhorar as nossas práticas, daí ser relevante termos o seu apoio ao longo do estágio. A educadora também tem um papel fundamental, no que concerne às características das crianças, pois, inicialmente, devido ao reduzido tempo que nos encontramos no Jardim de Infância, ainda não temos consciência de todas as suas características, interesses ou dificuldades, sendo assim importante manter um diálogo diário com a educadora, para que haja uma colaboração e cooperação, de forma a permitir que as planificações tenham em conta todos esses fatores.

Neste sentido, o educador ao ser investigador atualiza os seus conhecimentos relativamente às políticas educativas, toma conhecimento dos artigos e dos documentos atualizados ou criados, de modo a dar respostas às necessidades da Educação Pré-Escolar, e assim proporcionar às crianças atividades e momentos mais dinâmicos. Procura desenvolver um trabalho colaborativo e que vá ao encontro das necessidades e interesses das crianças. Também é importante que o educador reflita sobre as suas práticas, de modo a pensar as metodologias utilizadas, quais as que proporcionaram uma aprendizagem significativa e dinâmica para a criança e o que alterar nessas mesmas metodologias para melhorar o seu desempenho e o resultado final das mesmas.

Por fim, penso que cumpro com alguns indicadores presentes neste primeiro domínio, principalmente, na reflexão crítica sobre as minhas práticas, a preocupação de estar informada e atualizada sobre os conhecimentos científicos sobre as atividades que ia desenvolver, bem como os documentos orientadores inerentes à Educação Pré-Escolar, propus atividades que abarcassem o desenvolvimento integral de cada aluno, na maior parte das vezes procurei responder às necessidades das crianças, percebendo o seu contexto social, os seus interesses e dificuldades, bem como o desenvolvimento pessoal e cívico de cada criança.

A segunda dimensão é a mais importante para a profissão docente, na medida em que se foca o processo inerente à planificação, operacionalização e regulação das

aprendizagens, para tal é necessário que procure ampliar o meu conhecimento científico e didático intrínsecos a cada área do conhecimento. Assim, ao longo deste ponto irei refletir sobre as planificações, os relatórios, fazendo uma reflexão sobre os mesmos e sobre algumas das atividades desenvolvidas ao longo do semestre.

Relativamente às planificações, e no que se refere à organização do grupo, inicialmente pensava atividades para trabalhar em grande grupo, mas rapidamente percebi que esta nem sempre é a melhor estratégia, visto que não permite que atente a todas as intervenções e opiniões de todas as crianças para que a atividade ocorra fluentemente. Deste modo, tive o cuidado de pensar em atividades em grande grupo mas também em pequenos grupos, para que assim houvesse momentos em que as crianças tivessem a possibilidade de ter uma participação mais ativa. Esta mudança de estratégia de organização do grupo também alterou-se, pois este grupo de crianças era muito heterogéneo e participativo, o que dificultava a intervenção ativa de todos na atividade planificada. Com esta alteração, apercebi-me que o trabalho em pequenos grupos é fundamental para que haja uma maior participação de cada criança e também para incentivar a participação daqueles que têm maior dificuldade em se expressar.

Com o decorrer do estágio, tive o cuidado de tentar planificar para todas as áreas, domínios e subdomínios, no entanto no primeiro semestre foquei-me, essencialmente no subdomínio da Matemática e no subdomínio das Artes Visuais. No segundo semestre, procurei desenvolver atividades em todas as áreas, domínios e subdomínios, no entanto a matemática e as artes visuais continuaram a ser as mais trabalhadas, por ser as que as crianças demonstravam maior interesse. Porém, penso que devia ter apostado mais nas outras áreas para despertar um maior interesse das crianças para as mesmas. Como futura educadora este é um dos aspetos a corrigir, pois devo incidir em todas as áreas da mesma forma, para que assim as crianças estejam incentivadas para todas as áreas do conhecimento.

Relativamente aos relatórios semanais, estes tinham como principal objetivo a descrição das atividades desenvolvidas ao longo dos dois dias de estágio, incidindo essencialmente na reflexão das diferentes atividades, na medida em que tínhamos de pensar e repensar sobre o que se mantinha ou que se alterava nos vários momentos que constituem uma determinada atividade. Os relatórios semanais consistiram, também, numa breve reflexão sobre as eventuais alterações que realizava em relação ao meu desempenho nas várias práticas pedagógicas e, também, quais as opções do ambiente educativo que, no meu ver, funcionavam melhor. Assim sendo, os relatórios tinham o papel principal de me fazer refletir sobre todas as minhas ações, visto que

um momento de reflexão é um momento imprescindível na vida profissional de um educador de infância, na medida em que permite pensar e refletir sobre as estratégias e metodologias aplicadas durante as práticas pedagógicas, permitindo desta forma colmatar aspetos que resultaram com menor sucesso.

Outra mais-valia do estágio foi a oportunidade de observar outros jardins de infância diferentes do contexto a que estava habituada. Isto permitiu que conhecesse outras formas de organização do ambiente educativo, bem como práticas pedagógicas diversificadas, em que algumas educadoras davam muita importância à rotina diária e aos instrumentos de regulação, o que não acontecia no meu local de estágio. Esta troca foi importante, pois permitiu que tivéssemos conhecimento de diversas formas de organizar o ambiente educativo, o grupo, as atividades, bem como a relação existente entre as crianças e a educadora e as crianças.

A terceira dimensão dos padrões do desenvolvimento docente pressupõe a existência de uma participação ativa na orientação educativa e curricular da escola, bem como a existência de uma relação com toda a comunidade escolar. Neste sentido, é importante refletir, principalmente, sobre a importância da relação família-escola, uma vez que dentro dos parâmetros abrangidos nesta dimensão, foi o que mais contactei. No jardim de – infância de Jogueiros, sempre foi notória a existência de uma relação entre as salas da educação pré-escolar, onde era visível a partilha de materiais, de informação, de ideias, bem como apresentações de atividades desenvolvidas por cada uma das salas para que assim as restantes salas tivessem conhecimento do trabalho desenvolvido.

No nosso contexto de estágio, era perceptível a envolvimento existente entre a escola, neste caso a sala 1 e os pais/encarregados de educação. Com o passar do tempo, apercebi-me de que os pais/encarregados de educação, de um modo geral, eram muito interessados e participativos na vida escolar do seu educando, tendo a preocupação de questionar a educadora sobre o que acontecia ao longo do dia, como os seus educandos estavam a evoluir, ou quais as suas dificuldades. É de salientar que a educadora tinha um papel fundamental nesta envolvimento dos pais/encarregados de educação, visto que esta preocupava-se em falar com os pais, quando traziam os seus educandos à escola, para também os informar de algumas ocorrências ou desenvolvimento. No meu ponto de vista, a envolvimento dos pais/encarregados de educação é fundamental para a adaptação, empenhamento e envolvimento da criança na vida escolar, pois ao sentir que estes têm conhecimento das suas atividades e do seu desenvolvimento, bem como preocupação em tentar

participar em atividades escolares, a criança vai sentir-se apoiada e segura na escola, sabendo que pode partilhar todas as ocorrências e, também, se possível construir materiais ou histórias para a apresentar à educadora e colegas, o que, é algo que as crianças gostam de fazer. No Jardim de Infância, estes momentos de partilha de trabalhos, concretizados em conjunto com os pais/encarregados de educação eram bastante frequentes, e era visível a felicidade que as crianças transmitiam ao apresentarem ao grupo e à educadora, estes momentos de partilha também são uma forma de a criança se expressar e, assim, desenvolver a linguagem oral e a sua capacidade de comunicação para com os outros.

No estágio, tentei que os pais tivessem também uma participação ativa na vida escolar dos seus educandos. Isso foi ocorrendo ao longo do tempo, solicitando aos pais/encarregados de educação pequenas participações com alguns materiais que tivessem significado para as crianças e que estas partilhassem o porquê de trazerem aquele brinquedo ou objeto.

Ao longo do estágio, tive a oportunidade de desenvolver diversos projetos em que os pais tinham um papel ativo. No primeiro semestre a atividade desenvolvida centrava-se na leitura de uma história relativa ao Natal. Neste momento, cada pai leu uma parte da história e posteriormente discutiram sobre a mesma, onde referiram a importância dos afetos e emoções nesta quadra festiva, posteriormente cada pai com o seu educando decoraram uma camisa, tendo por base o tema do Natal e dos afetos. Este momento de um modo geral correu bem, porém houve muitos pais que não estiveram presentes, o que fez com que as crianças que não tiveram a oportunidade de desenvolver esta atividade com os encarregados de educação demonstrassem o seu desânimo com a situação. Para tentar colmatar esta situação decidimos, em conjunto com a educadora, levar as crianças para a sala de prolongamento para que não sentissem tanto a ausência dos pais. No segundo semestre, no que concerne ao projeto de envolvimento da família, este teve vários momentos, tendo sido o primeiro a visita à quinta dos avós de uma das crianças da sala. Nesse espaço as crianças desenvolveram várias atividades, produziram pão, foram à capoeira retirar os ovos, assistiram a uma demonstração de como era produzido o mel, onde observaram as colmeias e o fato que os apicultores usam para se protegerem das abelhas. Também ao longo do dia, exploraram e brincaram livremente em todo o espaço da quinta. Existiu a partilha de almoço, onde cada criança, educadora, auxiliar e estagiárias contribuíram com alimentos ou bebidas. Todas as atividades que tivemos a oportunidade de desenvolver tiveram o apoio dos avós e da mãe dessa mesma

criança, que se demonstraram sempre muito acolhedores e disponíveis. Ao longo do dia, outros pais apareceram na quinta para almoçarem e estarem algum tempo com os filhos. Uma das mães passou todo o dia connosco na quinta.

Outra das atividades onde envolvemos a família prendeu-se com a leitura de álbuns narrativos. Neste tipo de livros, a ilustração preenche a maior parte, sendo que o pouco texto que existe serve para complementar essa mesma ilustração. Assim, este momento ocorreu na manta colorida, onde no centro estava uma caixa, que as crianças denominaram como “caixa da imaginação”. Nessa mesma caixa, foi colocado o livro sem as crianças verem e foram amarrados dois laços que representavam os afetos, neste caso entre a criança e o pai/mãe. Inicialmente poucos pais aderiram ao projeto, no entanto com o passar do tempo, devido aos filhos solicitarem para que viessem ler à sua sala, a adesão aumentou, tendo ido a maioria dos pais à nossa sala ler um livro. Este projeto correu muito bem, não só pela disponibilidade apresentada pelos pais, mas também devido ao entusiasmo demonstrado pelas crianças, o que confirma mais uma vez que a presença dos pais nas atividades da escola é uma mais-valia para que as crianças estejam envolvidas nas atividades e aprendizagens propostas. Também esta envolvimento dos pais na vida escolar do filho permite que haja uma partilha de conhecimentos, curiosidades e que tenhamos a oportunidade de conhecer mais aprofundadamente o contexto familiar de cada uma das crianças.

Através destas experiências, em que tive a oportunidade de desenvolver um trabalho em colaboração com os pais, foi visível que a participação dos pais na sala desponta um grande entusiasmo nas crianças, tornando aquela atividade mais empolgante e estimulante para as mesmas. Neste sentido, é importante continuar a integrar os pais na vida das crianças, possibilitando que estes tenham um papel ativo, que haja uma partilha de informações que pode ser relevante para futuras planificações, pois ao termos um conhecimento de atividades ou dificuldades que as crianças apenas desenvolvem em casa, podemos tentar desenvolver esses momentos na escola com o apoio dos pais/encarregados de educação, para assim possibilitar à criança momentos que lhes são familiares e que apresentam um maior significado para as mesmas, desenvolvendo assim momentos mais desafiantes.

Relativamente ao quarto domínio, desenvolvimento e formação profissional ao longo da vida, este abrange o conhecimento científico, pedagógico e didático que um educador/professor deve possuir enquanto profissional da educação, para assim dar respostas às dificuldades que os seus alunos/crianças possam apresentar, para ser capaz de responder corretamente ao que lhe é proposto. Assim, o professor/educador

deve ter a capacidade de se manter atualizado.

A possibilidade de estagiar no mesmo contexto durante um ano letivo permitiu que criasse uma relação mais próxima com as crianças, o que facilitou que percebesse com o decorrer do tempo, os interesses e dificuldades das mesmas, o que é essencial, visto que, o educador no decorrer das suas intervenções deve ter em conta as características, interesses, emoções e comportamentos das crianças, de forma a ajustar a sua postura e atitude face aos problemas e questões emergentes. Assim, é essencial que como futura educadora tenha a preocupação de refletir sobre as minhas ações, de modo a perceber a intenção das mesmas e como estas ajudaram ou não na evolução de cada criança, para que futuramente possa melhorar as minhas intervenções para possibilitar momentos em que o grupo de crianças tenha um papel ativo. Pois, com o decorrer do ano, percebi facilmente que todas as atividades que partem dos interesses das crianças têm uma maior e melhor adesão e o seu envolvimento é muito maior.

Ao longo do estágio, procurei propor atividades com que as crianças não estavam tão familiarizadas, principalmente ao apostar em materiais didáticos diferentes e que fossem elas próprias a concebê-los, para depois poderem manipular e explorar tanto de forma livre como de uma forma mais orientada. Os materiais onde as crianças podiam mexer e explorar livremente tornavam a atividade mais dinâmica e significativa para as mesmas. Daí achar importante, futuramente, continuar a atualizar-me não só ao nível das estratégias a utilizar, mas também ao nível dos materiais didáticos que poderão vir a desenvolver aprendizagens nas crianças, possibilitar que com estes materiais e com as atividade possam, ao mesmo tempo brincar, pois a atividade torna-se mais divertida e importante para elas, pois o brincar não deve ser perspectivado como uma forma de a criança estar ocupada, mas sim como uma “atividade rica e estimulante que promove o desenvolvimento e a aprendizagem e se caracteriza pelo elevado envolvimento da criança, demonstrado através de sinais como prazer, concentração, persistência e empenhamento” (Ministério da Educação, 2016, p.11).

Assim, ao longo do ano tentei melhorar algumas características do meu comportamento perante as crianças, como o facto de não utilizar o corpo como forma de expressão. Neste segundo semestre, penso que consegui comunicar com elas através do corpo, o que reparei que facilitou a minha comunicação com as crianças, pois mostraram-se mais atentas ao que eu tinha para lhes dizer. No entanto, há outros aspetos a melhorar, também em relação à minha comunicação com as mesmas, neste

caso tentar não me centrar apenas nos conteúdos que quero que elas aprendam mas, também, interagir com elas para perceber as suas curiosidades e interesses e, assim, despontar um diálogo que seja da vontade deles e não da minha. É importante que também tenha a capacidade de, aquando de um trabalho ou referência a algo diferente, por parte de uma criança, ser capaz de partilhar essa informação com todo o grupo para que possamos apreciar, conhecer ou discutir sobre o que a criança fez ou disse e assim ir ao encontro de algo que a criança propôs.

Com tudo o que foi referido, é importante salientar que o estágio é fundamental para a nossa formação, visto que permite o contacto com o contexto real, permite o conhecimento dos documentos orientadores relativos à Educação Pré-Escolar, bem como os documentos que são necessários para uma boa prática, como as planificações e os relatórios. Assim, este permitiu que no decorrer de todas as semanas de estágio, sem descurar nenhuma delas, tenha crescido e aprendido enquanto pessoa, mas também enquanto futura profissional de educação, essencialmente na forma como devemos interagir com as crianças nos vários momentos e nas diversas situações que se sucedem, muitas vezes de forma imprevista, no desenvolvimento de atividades desafiadoras, motivadoras e enriquecedoras para as crianças, nas quais devem estar sempre implícitas a importância de brincar para as mesmas, tendo sempre em conta as suas ideias, os seus interesses e, também, os seus conhecimentos prévios que, muitas vezes as crianças gostam de partilhar com os seus colegas, de forma a sentirem-se agentes ativos nos diferentes momentos que constituem o seu dia no jardim-de-infância.

1.4. Síntese global da reflexão

Com o estágio, foi possível compreender que cada aluno/criança tem as suas características e ritmo de aprendizagens diferenciados e que devemos atentar nesses pontos, porém com o sistema educativo atual torna-se complicado esta diferenciação, uma vez que há um programa a cumprir e, também, porque temos de nos adaptar à metodologia e ao ritmo de cada professor/educador. Porém, pude compreender como reagir em diversas situações, como o facto de proporcionarmos uma aprendizagem em que os alunos tenham um papel ativo e sejam os construtores do seu próprio conhecimento facilita a sua aprendizagem, também o facto de apresentar um problema ou uma situação do seu quotidiano para explorar um conteúdo, torna o mesmo mais interessante para as crianças, o que possibilita uma maior abertura para

aprender. Assim é importante tentar diminuir a utilização de metodologias transmissivas nas práticas pedagógicas e tentar optar sempre que possível pela metodologia de projeto, uma vez que possibilita uma maior interação das crianças e uma maior predisposição para aprender.

O facto de no estágio do 1.º Ciclo do Ensino Básico termos tido a oportunidade de estagiar em dois níveis de ensino diferenciados possibilitou que tomássemos consciência das particularidades de cada um dos níveis, contudo não permitiu que adquiríssemos um conhecimento aprofundado das características de cada uma das crianças, bem como da metodologia utilizada pela professora cooperante, o que a meu ver, são fatores importantes para planificarmos em torno das características das crianças. No estágio da Educação Pré-Escolar, tivemos a oportunidade de permanecer no mesmo local de estágio os dois semestres, o que tornou os nossos conhecimentos sobre cada uma das crianças muito mais aprofundados, resultando assim em planificações com base nos interesses e dificuldades das crianças, bem como perceber como se desenvolve o trabalho com um grupo de crianças ao longo do ano letivo, a evolução das crianças, bem como a minha própria evolução enquanto educadora. Assim, pude melhorar a minha forma de reagir em situações de conflito entre as crianças, mantendo uma postura calma e tentando perceber a razão pelo qual surgiu o conflito e discutir com as crianças formas de resolvê-lo. Também adquiri capacidades que me possibilitaram lidar com a heterogeneidade do grupo, que como fui referindo ao longo do relatório, tentei sugerir atividades que interessassem a todo o grupo, tendo o cuidado de escutar as suas ideias e sugestões.

Em suma, penso que ambos os estágios proporcionam experiências diversificadas e importantes para o meu futuro profissional, visto que tive a oportunidade de interagir com o contexto real em ambos os ciclos de ensino. Aí tentámos sempre diversificar as tarefas procurando que os alunos/crianças demonstrassem motivação e interesse para aprender.

Parte II - Trabalho de investigação

Introdução

A segunda parte do Relatório Final de Estágio, Trabalho de Investigação, pretende apresentar a investigação realizada sobre a adaptação de crianças na vertente da creche, de modo a responder a diversos aspetos relacionadas com o tema central. Assim, esta parte encontra-se dividida em quatro momentos principais, sendo estes a Definição do Problema, a Revisão da Literatura, a Metodologia e os resultados.

Relativamente à primeira parte, esta aborda o enunciado do problema, a justificação do mesmo, a definição de termos e definição de objetivos da investigação. Estes pontos têm como objetivo apresentar o problema, o levantamento dos conceitos centrais, justificar a pertinência do mesmo e os objetivos inerentes ao estudo.

A segunda parte, Revisão da literatura, compreende a definição e compreensão das palavras-chave identificadas no ponto anterior.

A terceira, Metodologia, aborda o tipo de investigação utilizada e explicação da mesma, a justificação da escolha de caso, ou seja, onde foi realizada a investigação e os participantes da mesma. Integra ainda a apresentação das técnicas e instrumentos de pesquisa para o levantamento de dados. A quarta e última parte, discussão e análise dos dados, apresenta os resultados da investigação.

Neste sentido, pretendemos responder aos objetivos traçados inicialmente, compreender como ocorre a adaptação das crianças e todos os intervenientes necessários para que a adaptação ocorra de uma forma positiva.

1. Definição do problema

1.1. Enunciado do problema

A educação em creche surgiu devido à evolução da sociedade e modificação da estrutura familiar. Para uma boa integração da criança na creche é necessário trabalhar diversos fatores que implicam com todos os que interagem com a mesma, nomeadamente; os pais, os auxiliares e os educadores. Assim, a questão em estudo é saber “De que forma é concretizado o processo de adaptação da criança à creche?”.

1.2. Justificação e relevância do estudo

Com o passar do tempo e devido às alterações que ocorreram nas estruturas familiares, foi necessário possibilitar às famílias um local que mantivesse os seus filhos seguros e ao mesmo tempo permitisse desenvolver diferentes capacidades na criança através de diversificadas atividades lúdicas. De forma a dar resposta a esta nova realidade foram criadas as creches, que consistem na “(...) primeira experiência da criança num sistema organizado, exterior ao seu círculo familiar, onde irá ser integrada e no qual se pretende que venha a desenvolver determinadas competências e capacidades” (Segurança Social, 2010, p.1).

A adaptação da criança à creche pode ser um processo complexo, pois a criança “perde os seus pontos de referência” o que gera nela alguma confusão e desassossego, conseqüentemente a criança expressa esta inquietude, através de “agitação, recusas, modificação de ritmos, perturbações de sono, problemas alimentares e diversas manifestações somáticas” (Truchis, 1988, citado por Portugal, 1998, p.183). A educadora tem o papel fundamental de evitar que a criança desenvolva as referidas reações, através da permanência do mesmo adulto, facilitando a sua adaptação.

Neste sentido, visto ser das primeiras experiências onde não estão presentes membros do círculo familiar da criança e podendo este processo de adaptação tornar-se complexo, pretendemos com esta investigação saber de que forma a criança se adapta a este novo contexto, bem como as atitudes e comportamentos dos pais, como os educadores reagem às diferentes reações das crianças, e se propõem a facilitar o processo de adaptação colmatando as dificuldades que possam surgir. Assim sendo, pretende-se encontrar respostas para uma melhor adaptação da criança à creche e quais as formas que pais e educadores utilizam para promover esse processo.

O processo de adaptação e a forma como é organizado o mesmo pode influenciar a integração da criança, sendo importante perceber de que forma se desenvolvem os processos de adaptação da criança. Daí a relevância deste estudo permitindo constatar factos reais sobre a adaptação da criança e os métodos a que é viável recorrer para uma melhor integração da criança a este contexto.

1.3. Definição de objetivos da investigação

Relativamente à questão-problema, são definidos alguns objetivos, de forma a compreender o que está implícito na mesma e o que pretendemos ao definir o problema. Assim sendo, os objetivos gerais são:

- Compreender as reações/emoções das crianças ao ingressarem na creche;
- Analisar a interação adulto-criança como forma de facilitar o processo de adaptação;
- Analisar o papel dos pais na adaptação da criança;
- Observar as atitudes e comportamentos dos pais quando deixam a criança na creche;
- Observar o papel do adulto na adaptação da criança, através das suas ações e estratégias.

2. Revisão da literatura

2.1. Educação em creche

É importante conhecer a evolução da Educação em Creche, uma vez que esta nem sempre foi uma realidade na sociedade, visto que o trabalho da mulher recaía essencialmente na educação dos seus filhos, não sendo assim necessário a criação de instituições. No entanto, o aparecimento da industrialização do século XIX e a emancipação da mulher no século XX, resultado da Segunda Guerra Mundial, fez com que as mulheres ocupassem os lugares dos homens nos mais variados trabalhos. Neste sentido, foi necessário criar locais que assegurassem, essencialmente, os cuidados básicos das crianças durante o dia, sendo que “os primeiros contextos de atendimento à infância surgiram com uma finalidade assistencial” (Formosinho & Araújo, 2006, p.9).

Inicialmente, as creches asseguravam apenas os cuidados básicos das crianças não tendo um carácter educativo, porém no século XX surgem as primeiras creches num contexto formal que não asseguram somente a segurança e os cuidados básicos das crianças, como também possibilitam “vivências e experiências alargadas (...)” (Formosinho & Araújo, 2006, p.10). Com a implementação da Primeira República

em Portugal, a Educação de Infância passou a integrar o sistema educativo, tendo assim um carácter educativo, de modo a preparar as crianças para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, porém esta decisão não perdurou por muito tempo, visto que com o aparecimento do Estado Novo muitos dos estabelecimentos públicos foram encerrados e os que se mantiveram no ativo regrediram novamente, uma vez que a educação de infância voltou a ser vista apenas como um serviço somente assistencial. Porém, ainda sobre a tutela do regime salazarista, após a segunda guerra mundial, e devido ao domínio das instituições internacionais, tornou-se relevante ponderar a formação de educadores, tendo assim surgido duas escolas com esse objetivo. Após a revolução de 25 de Abril, notou-se um crescimento das instituições direcionadas para a educação pré-escolar, bem como um aumento significativo da formação de educadores (Coutinho, 2010).

É importante referir que apenas no ano de 1986 a educação pré-escolar passou, novamente, a integrar o sistema educativo, tendo sido publicado a Lei de bases do sistema educativo (1987-1990). Neste período, a creche apresentava três vertentes, sendo estas as creches públicas e privadas, as amas oficializadas e as creches familiares (Coutinho, 2010). Apenas em 1997 o Ministério da Educação publicou a Lei-Quadro da Educação de Infância onde define os objetivos deste nível de ensino. Neste mesmo ano, são criadas as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE). Este documento visa apoiar os educadores nos diversos objetivos referentes a cada uma das áreas de conteúdo, bem como a intencionalidade educativa, a organização do ambiente educativo, entre outras (Coutinho, 2010). Estas medidas vieram trazer uma educação em que se propõem, não só a prestar os cuidados básicos de saúde mas também a proporcionar experiências e aprendizagens enriquecedoras, dinâmicas e estimulantes para as crianças através do brincar, uma vez que, “brincar é a atividade natural da iniciativa da criança que revela a sua forma holística de aprender” (Ministério da Educação, 2016, p.10).

Podemos, assim, concluir que a educação em creche sofreu uma evolução ao longo dos tempos, na medida em que para além do papel assistencial também passou a “responder às necessidades educativas dos mais pequenos” (Portugal, 1998, p.124). Com isto, as instituições e educadores passaram a ter em conta a expressão, compreensão de emoções, a comunicação, o meio envolvente, as necessidades e interesses das crianças, as creches também passaram a assumir o importante papel de estimular os meios de socialização da criança.

2.2. Adaptação das crianças à creche

A creche é dos primeiros processos de adaptação pelo qual a criança passa, para tal é necessário perceber o que é a creche e qual o seu papel no desenvolvimento da criança, nesta perspetiva Granger (1976, citado por Amaral, 2011, p. 36) define a creche, como:

um local onde a criança pequena recebe cuidados que o ajudam o seu desenvolvimento emocional e intelectual, social e físico, onde a alimentação, a supervisão da saúde, os cuidados médicos, o descanso e as atividades, são oferecidas de acordo com exigências do processo de desenvolvimento da criança.

A criança ao integrar a creche passa por um processo de adaptação que pode ser um processo simples ou complexo, pois cada criança terá uma reação diferente. Esta adaptação vai depender de diversos fatores, como a idade da criança, o seu relacionamento com os familiares, a preparação do jardim e da educadora para a receber (Rodrigues & Reis, 2010, p.23).

Ao longo deste processo de adaptação a criança passa por diversas fases, daí se poder dizer que a adaptação na maior parte das vezes é um processo complexo, no sentido em que a criança, segundo Portugal (1998) ao passar por essas fases de desenvolvimento “é de esperar o ressurgimento de comportamentos negativos semelhantes aos observados em períodos de adaptação inicial, [a criança também pode passar por momentos] de grande dependência e momentos de afirmação, mais ou menos agressiva, da sua autonomia” (p.184).

Como se referiu anteriormente, a adaptação é diferente para cada uma das crianças, sendo que a duração da mesma será variável, neste sentido só podemos afirmar que a adaptação da criança está completa quando esta “readquire confiança em si mesma e nos sentimentos de afeição que os pais nutrem por ela” (Coutinho, 2010, p.37). Assim, é essencial que tanto os pais como a educadora expliquem à criança a razão de ela estar na creche, para que assim esta não assuma que os pais a colocaram na creche como forma de castigo.

No contexto da creche a adaptação pode ser definida como a capacidade da criança se ajustar ao ambiente que a envolve, pressupondo um processo de

assimilação e acomodação (Coutinho, 2010, p.16).

Este processo de adaptação, como já se referiu anteriormente vai depender do contexto familiar da criança, do desenvolvimento social e afetivo da mesma, a idade da criança, bem como da preparação da creche e da educadora. Assim, é necessário que esta última tenha em consideração todos estes fatores e que fomente a integração. É importante que tanto os educadores como os familiares percebam qual o momento em que a criança se adaptou à instituição e à equipa educativa, Piaget (1986, citado por Oliveira, 2015, p.15) afirma que existe adaptação “a partir do momento em que o organismo se transforma em função do meio; nesta variação tem que existir, por consequência, um aumento de trocas entre o meio e organismo que sejam favoráveis à sua conservação”

Em suma, a adaptação à creche varia de criança para criança, devido a diversos fatores como, o contexto familiar, a preparação do jardim de infância para receber a criança, a disponibilidade da educadora em integrar a criança e o papel da família. Assim concluímos que não existe um padrão de adaptação, isto é, a adaptação vai ser sempre diferente de criança para criança, sendo necessário que o educador se adapte às diferentes realidades e reações da criança.

2.2.1. Relação creche – família

O processo de adaptação em creche pode ser um processo complexo, deste modo torna-se importante fomentar uma relação entre a creche/educador e a família para que a instituição em causa tenha conhecimento das rotinas, dos objetos de referência e do ambiente existente no seio familiar da criança, pois como referem Bondioli e Mantovani (1998, p.24) “para que os efeitos da creche sejam positivos e perdurem no tempo é necessário um envolvimento ativo da família, seja nas práticas e nos programas educativos, seja na vida cotidiana da instituição”.

A família tem um papel essencial na integração da criança ao jardim-de infância, no sentido em que permite que os pais se familiarizem com a estrutura do jardim e as rotinas que o seu filho terá ao longo do dia. Esta integração dos pais é concretizada com o apoio da educadora, que deve mostrar-se disponível para “responder às interrogações e dúvidas dos pais, [para clarificar] hábitos, necessidades de saúde e preferências demonstradas pela criança em casa” (Formosinho & Araújo, 2006, p.20).

Esta partilha de informações entre os pais e a educadora vai facilitar a adaptação da criança e ao mesmo tempo permitir a construção de “perceções e expectativas positivas acerca do ambiente educativo, diminuir ansiedades e compreender, crianças e pais, que têm um lugar no centro” (Formosinho & Araújo, 2006, p.20).

A educadora deve optar por incluir os pais em algumas das atividades que desenvolva com as crianças, para que a criança perceba que os seus familiares estão presentes ao longo do dia. A integração dos pais na creche pode ser vista como usuária de serviço ou como agência educativa, esta segunda pressupõe que a “família venha a ser depositária de um saber/poder sobre os seus próprios filhos” (Bondioli & Mantovani, 1998, p.33).

A participação dos pais pode passar pela escolha de livros, pela leitura dos mesmos para as crianças, participarem em projetos, disponibilizarem objetos com que a criança esteja familiarizada, todas estas ações facilitam a sua adaptação e ao mesmo tempo deixam os pais tranquilos, pois sabem o que vai ocorrer nesse dia. Esta relação creche-família é fundamental no desenvolvimento da criança, no sentido em que permite que esta comece a entender a realidade social (Coutinho, 2010, p.26).

Os pais ao terem uma participação ativa no dia-a-dia do seu filho, segundo Formosinho e Araújo (2006), “criam oportunidades importantes para a aprendizagem das crianças e para a aprendizagem dos pais. De facto, estes constroem uma visão mais rica e complexa acerca das aprendizagens das crianças” (p.21).

A creche e o educador ao manterem uma relação diária com a família permitem dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela família, ao dar essa continuidade o educador ajuda a que a criança não entre num espaço desconhecido mas sim num espaço que tenha alguns elementos que lhe sejam familiares, o que irá facilitar a sua adaptação.

O educador tem um papel fundamental para estabelecer a relação entre a creche e a família, assim o educador deve demonstrar-se afetivo e ternurento, tendo em conta as crenças, valores e história de vida, pois “é através da construção de laços afetivos e de proximidade com as famílias e crianças que se pode minimizar a ansiedade e angústia de separação” (Serralha, 2014, p.14). Também é essencial o educador conhecer previamente algumas características da criança e da família para que assim possa apoiar e agir conforme as necessidades da criança, visto que as atitudes da criança “reflectem desde muito cedo as influências familiares, influências que se refletem também nos respetivos sentimentos, na forma como reagem a novas

experiências e atitudes” (Ecksel, 1992, citado por Barbour & Barbour, 2001, citado por Magalhães, 2007, p.50).

Para que o processo de adaptação ocorra de forma positiva é necessário que tanto os pais como os educadores tenham em conta as relações sociais da criança, demonstrando preocupação com as relações que esta estabelece, visto que este facto auxilia na tranquilidade da criança em casa ou na creche, bem como no desenvolvimento das suas capacidades sociais e afetivas, uma vez que as relações sociais são cruciais “no desenvolvimento socioemocional” (Portugal, 1998, p.21). Antes de ingressar na creche o mundo social da criança baseia-se apenas na família que é vista “como um contexto de socialização por excelência pois aí ocorrem as experiências mais precoces da criança, sendo também aí que a criança, pelo menos durante os primeiros tempos de vida, realiza a maior parte das suas interações sociais” (Portugal, 1998, p.123). Porém ao ingressar na creche, o mundo social da criança altera-se, uma vez que, para além do sistema familiar, este passa a incluir as outras crianças e outros adultos, o que possibilita o desenvolvimento das competências sociais fora do seio familiar.

Neste sentido, torna-se fulcral a relação creche/educador família, pois permite estabelecer uma ponte sobre o desenvolvimento da criança ocorrido em casa com o da creche, para que assim haja uma continuidade do mesmo, facilitando também a sua adaptação à creche.

2.2.2. Relação Educador – criança

O educador tem um papel fundamental na adaptação da criança à creche, devendo, de acordo com Coutinho (2010), “satisfazer as necessidades físicas e emocionais da criança, promover a criação de situações de aprendizagem nas quais o contacto com o meio leva as crianças a criarem o seu conhecimento e desenvolver formas de relação e interação” (p.40). O educador também deve compreender que este processo implica ter conhecimento das características da criança.

Relativamente à relação educador-criança, é importante que o adulto ao longo dos primeiros tempos se mantenha preferencialmente o mesmo, pois a ligação que a criança tem com o educador “pode influenciar a sua adaptação socioemocional à creche” (Portugal, 1998, p.178). A dimensão do grupo também influencia a relação criança-educador, no sentido em que quando existem demasiadas crianças, não se

mantenha uma relação de proximidade com a mesma. Pelo contrário, se o grupo tiver um número restrito de crianças facilita-se o bem-estar socioemocional das mesmas. O educador deve disponibilizar algum tempo para poder interagir apenas com uma criança, mas ao mesmo tempo, inicialmente deve deixar que a criança perceba as diferenças existentes entre a sua casa e a creche para que esta se vá adaptando ao novo espaço.

O adulto que interage com a criança na maioria do tempo deve possibilitar “relações de confiança e de prazer através de atenção, gestos, palavras e atitudes” (Portugal, 1998, p.198). Deve determinar limites que transmitam à criança segurança ao tomar decisões, porém deve fomentar a autonomia e autoconfiança. “Deve ser alguém verbalmente estimulante, com capacidade de empatia e de responsividade, promovendo a linguagem da criança através de interações recíprocas e o seu desenvolvimento socio-emocional” (Portugal, 1998, p.198).

O educador também deve ter em conta os interesses e capacidades da criança através da observação diária, uma vez que nos três primeiros anos de vida estes alteram-se rapidamente. Assim, o adulto tendo em conta o que estimula a criança deve propor atividades que a envolvam, de modo a que esta fique concentrada, motivada para descobrir e ao mesmo tempo feliz, para isso o educador deve sugerir atividades que partam do jogo e do brincar, uma vez que o ato de brincar é uma “atividade rica e estimulante que promove o desenvolvimento e a aprendizagem e se caracteriza pelo levado envolvimento da criança” (Ministério da Educação, 2016, p.11).

O educador tem o papel de preparar toda a equipa para o processo de adaptação de cada uma das crianças, assim este deve preparar a equipa para que esta se demonstre sempre disponível para conversar tanto com as crianças como com os familiares. Desta forma, tanto o educador como a sua equipa educativa devem procurar responder às solicitações das crianças, explicando a razão das suas respostas, uma vez que inicialmente estas vão questionar muita vezes quando os pais voltam, o educador também deve propor jogos ou brincadeiras em grupos para que as crianças se vão habituando umas às outras, incentivando a comunicação entre elas.

2.2.3. Comportamento da criança no processo de adaptação

As crianças têm o papel principal no que requer à sua adaptação, uma vez que são elas que têm que ultrapassar os desafios impostos. A criança ao chegar à creche “é de esperar o ressurgimento de comportamentos negativos semelhantes aos observados em períodos de adaptação inicial, [a criança também pode passar por momentos] de grande dependência e momentos de afirmação, mais ou menos agressiva, da sua autonomia” (Portugal, 1998, p.184). No caso de ocorrerem estes comportamentos, o educador deve ter em consideração algum elemento ou objeto que dê conforto e segurança à criança, para tal é necessário que o educador dialogue com os pais de cada uma das crianças para ter o mínimo de conhecimentos sobre as suas características e gostos.

O período de desenvolvimento conhecido como ansiedade de separação/angústia ou medo do estranho indica que um determinado nível de desenvolvimento cognitivo e emocional mais elevado foi atingido. A criança é capaz de comparar experiências presentes com situações já conhecidas e considerá-las, eventualmente estranhas (Rodríguez & Hignett, 1981, citado por Portugal, 1998). Nesse sentido, a ansiedade de separação parece ser mais função de um processo maturacional do que de um processo experiencial (p.184).

É necessário dar tempo à criança para que ela observe e compreenda o espaço que a envolve e que ganhe a confiança suficiente para interagir com um dos adultos.

3. Metodologia

3.1. Plano de investigação e método

A investigação tem como principal objetivo compreender a adaptação das crianças ao contexto de creche, através das suas reações e atitudes, bem como analisar atitudes e comportamentos dos pais e de que forma a educadora responde às diferentes reações das crianças e promove a integração dos pais na adaptação das mesmas.

Tendo por base os objetivos da investigação, e de forma a dar resposta aos mesmos, optou-se por uma investigação qualitativa. Este tipo de investigação só começou a ser valorizado na área da educação nos anos setenta do século XX, sendo utilizado em diversos contextos e incidindo num estudo detalhado, ou seja, “rico em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico” (Bogdan & Biklen, 1994, p.16).

Este tipo de investigação pressupõe uma observação participante, isto é, “o investigador introduz-se no mundo das pessoas que pretende estudar, tenta conhecê-las, dar-se a conhecer e ganhar a sua confiança, elaborando um registo escrito e sistemático de tudo o que ouve e observa” (Bogdan & Biklen, 1994, p.16).

De acordo com Tuckman (2000), o investigador tem o papel principal na investigação qualitativa, tornando-se o instrumento de recolha de dados, descrevendo-os, analisando-os, expondo o processo e por fim tentando compreender o significado das coisas.

O estudo, como já referimos anteriormente, foi qualitativo, mais propriamente o estudo caso, que segundo Merriam (1988, citado por Bogdan & Biklen, 1994), “consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico” (p.89). Neste sentido, o estudo de caso centra-se na observação pormenorizada de uma situação, sendo que neste estudo a observação recaiu sobre uma sala de creche de um equipamento orientado para a infância.

3.2. Participantes

A investigação ocorreu numa Creche sediada na ilha de um arquipélago português, a que daremos o nome fictício de O Ilhéu. Escolhemos esta creche por ser a mais próxima, geograficamente, e por ter aceitado o nosso pedido. Esta é constituída por três salas na vertente de creche e três salas na vertente de Jardim de Infância. Cada sala desta instituição inclui crianças de uma mesma faixa etária.

O estudo recaiu na vertente de creche, na sala dos 4 meses até à aquisição de marcha. Este grupo era constituído por cinco crianças, quatro meninos e uma menina. Dois dos meninos tinham sete meses e os outros dois, dez meses. A menina também tinha dez meses de idade. Eram crianças muito sociáveis, alegres e afetuosas. Ao longo do dia as crianças eram acompanhadas por duas assistentes de ação educativa, que por sua vez eram supervisionadas pela educadora responsável pelas três salas da creche. Também três das cinco mães das crianças disponibilizaram-se para participar numa pequena entrevista sobre o processo de adaptação dos seus filhos.

3.3. Técnicas e instrumentos de pesquisa

A investigação é de teor qualitativo, mais propriamente o estudo caso. Tendo por base os instrumentos deste tipo de investigação para recolha de informação, foi utilizada, principalmente, a entrevista e a técnica de observação direta.

A entrevista, de acordo com Gil (1993) é uma “técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e formula perguntas, com o objetivo de obtenção de dados que interessam à investigação. A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais” (p.113).

O tipo de entrevista a que se recorreu foi a entrevista semiestruturada, onde o “entrevistador orienta-se por um guião com os tópicos principais do tema a abordar. As questões têm uma ordem estabelecida” (Ketele & Roegiers, 1999, p.22).

Para a recolha de informação também se teve em conta a observação direta, que consiste num “processo cuja função primeira, imediata consiste em recolher informações sobre o objeto tomado em consideração, em função do objetivo organizador” (Damas Ketele, 1985, p.11).

A observação utilizada tem um caráter participante, isto é, o observador com o decorrer da investigação pode e deve interagir com a escolha de caso. Procedendo-se ainda a anotações de campo e registos descritivos associados à técnica da

observação direta. As anotações de campo consistem nas recolhas de dados efetuados pelo investigador, sendo necessário pensar previamente no que queremos anotar, para que as anotações vão ao encontro dos objetivos definidos.

Estas anotações de campo como refere Héberrrt, Goyette e Boutin (1990), são “dados registados do tipo de descrição narrativa”, ou seja, apresentam registos descritivos com muitos pormenores (p.157).

Utilizou-se, ainda, a observação com base na Escala de Empenhamento do Adulto, às duas assistentes de acção educativa presentes na creche e a entrevista a três das mães das crianças. A Escala de Empenhamento do Adulto tem por base o trabalho realizado por Carl Rogers, sendo um recurso utilizado como forma de compreender a relação existente entre o adulto e a criança. Assim, Ferre Laevers baseou-se no trabalho de Rogers introduzindo três categorias que facilitam a compreensão do empenhamento do adulto, bem como “identificar o estilo de mediação do educador no processo de aprendizagem” (Bertram, & Pascal. 2009, p.137).

3.4. Procedimentos

Para iniciar a investigação foi necessário, em primeiro lugar, procurar uma creche para a realização do presente estudo.

Após a escolha, foi necessário solicitar as respetivas autorizações para o acesso ao consentimento informado, nomeadamente dos pais e profissionais, bem como ao diretor pedagógico do estabelecimento (cf. Anexo 1).

Posteriormente, iniciaram-se as observações diretas de forma a perceber as reações, emoções, interações, socialização das crianças e recorreremos ainda à observação das profissionais com referência à “Escala de Empenhamento do Adulto” que tem como objetivo compreender “o tipo de mediação pedagógica do adulto do processo de ensino aprendizagem das crianças” (Bertram & Pascal. 2009, p.137), para assim analisarmos as qualidades envolventes ou não envolventes das duas assistentes de ação educativa. Os dados da Escala de Empenhamento do Adulto tiveram por base a observação das duas assistentes, onde ao longo dos dias identificava o nível em que estas se encontravam nas três categorias. Dada a conclusão das observações, procedi ao cálculo da média de cada uma das categorias.

Esta observação teve a duração de dez dias, três horas da parte da manhã (das 8h00 às 11h00). Porém, em dois dias optamos por ficar até à hora de almoço

para perceber como se processava esse período. Inicialmente, realizamos algumas observações das 16h00 às 18h00 para compreender como se efetuava a saída da criança e a reação dos pais.

Por último, realizámos uma entrevista aos pais das crianças, de modo a compreender como ocorre a separação, como se sentiram nesse momento, os seus medos e como achavam que os seus filhos se adaptaram a essa separação, mas apenas três dos pais aceitaram responder à entrevista.

Nesta investigação, a análise e tratamento de dados teve por base as entrevistas realizadas aos pais e educadora, bem como os dados das atitudes e comportamentos dos pais e educadores.

A análise e tratamento de dados é uma das últimas fases do estudo caso que compreende um “processo de busca e de organização sistemática de transições de entrevistas, notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados” (Bogdan & Biklen, 1994, p.205). Segundo os mesmos autores, a análise e tratamento de dados “envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspetos importantes e do que deve ser apreendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros” (p. 205).

4. Análise e discussão dos resultados

4.1. Mecanismos adotados na creche para facilitar a adaptação

A adaptação em creche no Jardim de Infância “O Ilhéu” ocorre por fases, sendo que numa primeira fase a criança fica entre duas a três horas na creche, numa segunda fase fica até a hora de almoço, almoçando na mesma. Estas etapas ocorrem no período de uma semana. A educadora responsável pela valência da creche referiu durante uma conversa informal que anteriormente os pais podiam optar por ficar com as crianças neste período de adaptação, porém desistiram desta opção, devido às dificuldades que surgiram na separação dos pais aquando do início da semana após a semana de adaptação.

Antes de a criança permanecer na sala, a educadora responsável acolhe a família e apresenta a instituição à mesma, bem como as rotinas. Aquando da inscrição da criança na instituição entregam um documento (cf. Anexo 2) aos pais que explica o período de adaptação e os materiais essenciais para que a criança tenha as condições

necessárias para uma boa adaptação.

4.1.1. Observação direta das crianças

As observações ocorreram no mês de fevereiro de 2018, sendo que apenas duas das crianças passavam pelo período de adaptação, porém ambas as crianças ficaram apenas no primeiro dia três horas, tendo começado imediatamente no segundo dia a ficar na creche o dia inteiro.

É importante referir que através das observações foi perceptível a rotina das crianças na creche. Estas iniciam o dia na sala comum, desde hora que chegam (o jardim está aberto desde 8h00) até às 9h30, de seguida vão para a sala onde brincam até às 10h00, de seguida vão dormir, independentemente da hora que tenham chegado, ao acordarem brincam mais um pouco na manta até às 11h30, hora que vão almoçar, sendo que enquanto as auxiliares dão almoço a duas as outras esperam nas espreguiçadeiras. Posto isto, brincam por volta de uma hora e depois fazem a sesta da tarde, segue-se o lanche e brincam na manta com os brinquedos que as assistentes de ação educativa disponibilizam até às 17h. Ao chegar às 17h as crianças são levadas para a sala comum nas espreguiçadeiras até os pais chegarem (o jardim encerra às 18h30). Os pais ao entregarem ou ao irem buscar os seus filhos não entram na sala comum ou na sala do berçário, mantendo-se na entrada, sendo uma das auxiliares que vai buscar as crianças à entrada principal e levar à mesma na hora da saída (Cf. Anexo 3).

É importante referir que as crianças dormiam e faziam as refeições nas espreguiçadeiras na sala de brincar.

As duas crianças que começaram a frequentar a creche nessa semana tinham a mesma idade (7 meses), porém a criança A demonstrou diversas dificuldades em se manter sentada mesmo com o apoio de almofadas. A criança B era muito sorridente e bem-disposta, socializando facilmente tanto com as crianças como com os adultos. A criança no primeiro dia estava irrequieta e chorava o que fez com que a assistente a colocasse na espreguiçadeira para que esta adormecesse. Ao longo das observações pudemos verificar que na maior parte das vezes que uma das crianças chorava sem uma razão aparente a auxiliar associava ao sono e colocava imediatamente a criança na espreguiçadeira para que esta dormisse.

No segundo dia, as duas crianças mais novas foram as primeiras a chegar,

foram colocadas na manta com alguns brinquedos. A criança B começou logo a tentar agarrar os objetos e a levá-los à boca enquanto a criança A ainda não adquiriu a capacidade de agarrar ou se sentar. A educadora responsável veio nesse dia à sala e questionou que a criança poderia ter algum problema de desenvolvimento, porém no período que estive presente não existiu nenhum. A referência para a criança ser avaliada. Ao longo dos dias de observação direcionávamo-nos à criança para tentar sentá-la com o auxílio das almofadas e brincava com alguns brinquedos que fossem fáceis de agarrar para que ela tentasse agarrar os mesmos. Para nossa satisfação nos últimos dias de observação esta já se aguentava sentada com apoio e já agarrava alguns objetos. Antes de terminarmos as observações, voltámos a referir as dificuldades daquela criança, uma vez que até à data não houve a preocupação de referenciar a criança e de expor a situação aos pais, porém as assistentes referiram que ele em casa estava sempre deitado, daí as dificuldades em se manter sentado.

As crianças C, D e E tinham dez meses no período das observações, sendo crianças sociáveis, bem-dispostas e que interagiam de forma natural entre elas e com as assistentes.

Através das observações foi perceptível que as preocupações das assistentes de ação educativa passam apenas pelas necessidades básicas, sendo estas essenciais para o desenvolvimento das crianças, contudo é também importante que as assistentes possibilitem “um contexto de desenvolvimento [que] se caracterize por um ambiente acolhedor e dinamizador de aprendizagens, onde a criança se possa desenvolver de forma global, adequada e harmoniosa” (Segurança Social, 2010, p.2).

Também verificámos que durante o dia entravam diversas pessoas na sala apenas para conversarem com as assistentes e na maior parte das vezes nem se dirigiam às crianças. A música que colocavam também era apenas do gosto das assistentes não existindo o cuidado de alternar com músicas que pudessem estimular ou incentivar alguma reação na criança.

Apesar de a sala estar dividida pela sala de brincar, a de dormir com seis berços e a cozinha com cadeiras de alimentação, as assistentes optaram por efetuar todas as ações na sala de brincar, isto é, as crianças comiam nas espreguiçadeiras e dormiam nas mesmas, o que fazia com estas passassem a maior parte do dia deitados, visto que antes de virem para a sala de manhã encontravam-se nas mesmas e a partir das 17h até os pais virem buscá-las também estavam nas espreguiçadeiras.

Através da observação foi perceptível que a creche deste JI tem como principal função o cumprimento dos cuidados básicos da criança (alimentação e troca de

fralda), não existindo momentos de aprendizagem significativos através da colocação de “objectos estimulantes (...) e onde há uma variedade de escolhas e de desafios visuais, tácteis e motores que chamam a atenção da criança” (Portugal, 2012,p.9).

4.1.2. Observação direta das assistentes de ação educativa

A “Escala de Empenhamento do Adulto” pretende compreender a relação que o adulto estabelece com as crianças, tendo por base três pontos de referência, sendo estes a Sensibilidade, a Estimulação e a Autonomia. Assim, tendo em conta os parâmetros existentes em cada um dos três pontos presentes nesta escala, efetuei a minha observação às relações existentes entre as Assistentes de Ação Educativa e as crianças tendo em conta estes parâmetros.

Primeiramente, é importante referir que foi perceptível de imediato a diferença existente entre as duas assistentes, sendo que a assistente com mais anos de trabalho (Assistente A) tem uma postura mais rígida para com as crianças enquanto a assistente que se encontra há menos tempo a trabalhar (Assistente B) apresenta uma postura descontraída e carinhosa para com as crianças.

Assim, em relação à primeira dimensão da “Escala de Empenhamento do Adulto”, a sensibilidade, a Assistente A apresentou atitudes do nível 2, uma vez que, ao falar apresenta um tom ríspido, demonstrou poucos gestos de afeto e carinho para com as crianças, pouco encorajadora e observámos várias vezes conversas com a outra assistente ou com pessoas externas à sala sobre as crianças da sala. Porém, esta demonstrava preocupação com o bem-estar da criança, principalmente no que se referia às necessidades básicas das crianças (alimentação, troca de fralda, dormir).

Já no que se refere à Assistente B, esta exibiu um comportamento de nível 4, visto que apresenta um tom de voz encorajador, foi carinhosa com a criança e apoiou a mesma nas suas atividades, encorajou a criança e preocupou-se com o seu bem-estar, no entanto também comentava atitudes, ações, vestuário e higiene na presença das crianças.

Relativamente à segunda dimensão, a estimulação, as duas assistentes não apresentaram comportamentos que estimulassem a criança, visto que apresentaram comportamentos rotineiros, centrando-se principalmente nas necessidades básicas das crianças e na colocação de brinquedos na manta, por estas razões as assistentes foram pontuadas no nível 2.

No que concerne à terceira dimensão, a autonomia, a Assistente A encontra-se

no nível 2, visto que impossibilitava o desenvolvimento desta característica, pois estava constantemente a repreender a criança, como por exemplo “não te apoies na cadeira porque caís”, “não batas com o brinquedo, faz muito barulho”, entre outras afirmações. Porém achamos que estes comportamentos nas crianças são normais e devem acontecer, visto que estão a experienciar o ambiente que os rodeia e a tentar desafiar os seus limites, sendo estes aspetos de exploração, essenciais para o crescimento da criança. Já no que se refere à Assistente B encontra-se no nível 4, uma vez que existia uma maior predisposição para apoiar as crianças nas suas descobertas, incentivá-las e desafiá-las para que ultrapassassem alguma dificuldade, como encorajá-las a andarem uma determinada distância, serem eles próprios a escolher o brinquedo/objeto que pretendem e deixar explorá-lo, entre outros.

Pudemos verificar que são duas assistentes muito diferentes entre si, visto que uma delas (A) preocupava-se apenas com as necessidades básicas das crianças enquanto a assistente B já procurava desenvolver uma relação de afeto com as mesmas, tentando ajudá-las de diversas formas. Porém no que se refere à preparação para a chegada e adaptação de novas crianças não existia qualquer preparação por parte das assistentes.

Verificámos que não existiam quaisquer atividades preparadas para estas crianças, sendo que as funções das assistentes passa por tratar das necessidades básicas das crianças e colocar alguns brinquedos na manta para elas brincarem, também constatámos que os brinquedos variavam pouco pois eram disponibilizados quase sempre os mesmos. Através das observações foi perceptível a presença de um trabalho meramente de guarda e não educativo, uma vez que não existia diversificação de brinquedos no decorrer da semana e também não existia uma intencionalidade ao colocarem os objetos na manta, o que não permite que a criança desenvolva diversas capacidades através do brincar. É importante que as assistentes de ação educativa possibilitem momentos para criança “experimentar uma variedade de experiências sensoriais e motoras (...) para encorajar a curiosidade, a exploração e [para] que cada criança estabeleça uma relação com o mundo ao seu próprio ritmo” (Portugal, 2012, p.9).

Como podemos verificar no gráfico seguinte, a Assistente B apresenta uma postura mais adequada nas dimensões sensibilidade e autonomia, uma vez que é mais afetuosa com as crianças e também porque não está constantemente a interromper ou acabar com as atividades das crianças ao contrário da assistente A. Porém no ponto da estimulação encontram-se ao mesmo nível, uma vez que nenhuma

das duas prepara o espaço ou objetos para atividades e também por diversificarem pouco os brinquedos que entregam às crianças diariamente.

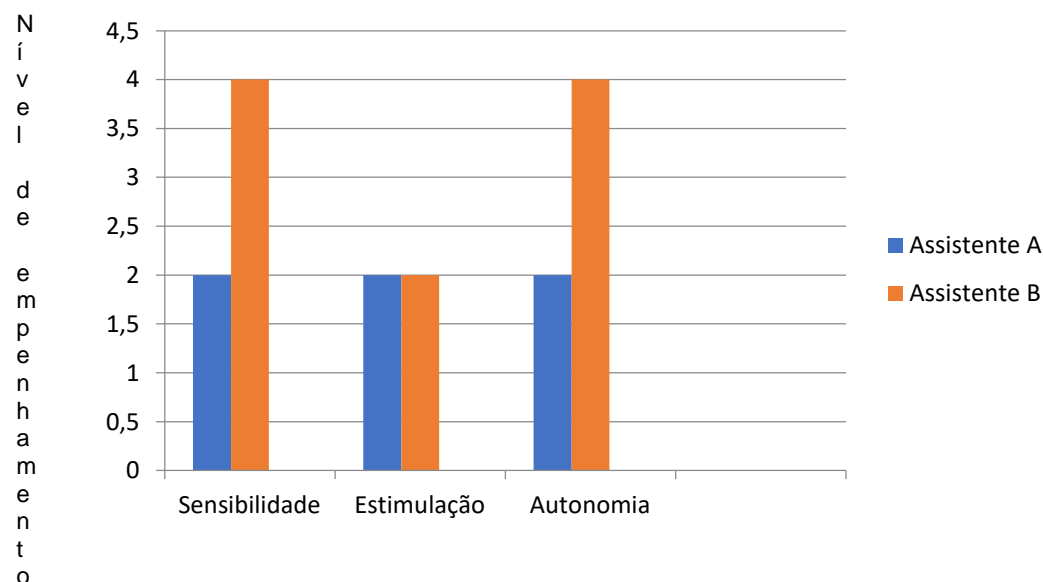


Gráfico 1 - Níveis nas categorias da “Escala de Empenhamento do Adulto” das Assistentes de ação educativa

4.1.3. Auscultação aos pais

As entrevistas foram concretizadas apenas com as mães das três crianças mais velhas, uma vez que os pais das crianças A e B recusaram de imediato.

Assim, depois de uma análise das três entrevistas podemos referir que todas as progenitoras se encontravam satisfeitas com o trabalho desenvolvido pela Creche e Jardim de Infância O Ilhéu. Sendo que todas referem que as Assistentes de Ação Educativa tratam das crianças como se fossem seus filhos, como refere uma das mães, “via nele que gostava de ir para a creche, gostava das pessoas que cuidavam dele e foi um alívio para mim, ver que as pessoas tratavam dele como se fosse seu filho”. Como referimos anteriormente, na nossa perspetiva cumpriam com todos os parâmetros das necessidades básicas das crianças, porém não procuravam desenvolver qualquer tipo de atividades com as crianças que pudessem ajudar ao seu desenvolvimento.

Das três crianças, todas tiveram uma boa fase de adaptação, inserindo-se e socializando facilmente com o grupo e com as assistentes, sendo que duas das mães referiram durante a entrevista (cf. Anexos 4 e 6) que “na minha opinião a separação foi

mais difícil para mim do que para ele” e “Inicialmente era muito difícil deixá-lo com pessoas desconhecidas e que não conheciam os hábitos dele”, tendo esta fase sido mais complicada para as mães do que para as crianças, uma vez que as crianças adaptaram-se facilmente às novas pessoas e ao novo espaço que os rodeia. Também as mães referiram que o seu maior medo era que os seus filhos pudessem ser maltratados ou se magoassem e elas não estivessem lá para os amparar (Cf. Anexos 4, 5 e 6).

Pode-se assim referir que a adaptação destas três crianças foi fácil para as mesmas, visto que como referiram as mães eram crianças muito sociáveis.

Com base nas respostas dadas pelas mães das três crianças podemos concluir que esta instituição deixa os encarregados de educação satisfeitos com as condições que apresenta e que a educadora e as assistentes de ação educativa cumprem com as necessidades básicas das crianças, uma vez que “as experiências das crianças nos primeiros anos de vida estão muito relacionadas com a qualidade dos cuidados básicos” (Segurança Social, 2010, p.2).

Conclusão

A educação em creche (0 aos 3 anos), atualmente, continua a ser negligenciada, uma vez que ainda não é considerada como um direito à educação, pois ainda é da responsabilidade da Segurança Social em vez de ser da responsabilidade do Ministério da Educação (Conselho Nacional da Educação, 2011). O que faz com que a maioria das creches, principalmente no berçário não exista uma educadora presente diariamente, sendo importante que isto ocorra para que haja “um olhar conhecedor e atento ao processo de vinculação de cada bebé com o seu “cuidador”” (Conselho Nacional da Educação, p. 2011, p.30).

Também é importante que haja uma intencionalidade em cada tarefa/atividade realizada com as crianças para que as crianças desenvolvam diversas capacidades importantes para o seu crescimento, para isso é necessário ter em conta “a perspectiva da criança (...) procurando assegurar a independência da movimentação, exploração e resolução de problemas, desafios e amplificação do seu mundo” (Portugal, 2012, p.8). Para tal, é necessário disponibilizar um ambiente seguro, organizado com objetos/brinquedos estimulantes, permitindo que as crianças explorem no seu ritmo, observando os seus interesses, encorajando-a a ultrapassar as dificuldades que encontrar no decorrer da manipulação e exploração do objeto.

Com o trabalho de investigação foi possível compreender como pode ocorrer o processo de adaptação no contexto de creche, foi possível entender as suas reações e como é realizado esse mesmo processo.

Relativamente ao primeiro objetivo traçado, compreender as reações/emoções das crianças ao ingressarem na creche, as cinco crianças que observei demonstravam-se à vontade na sala e com os adultos, neste caso com as duas assistentes de ação educativa, visto que a educadora não estava presente, indo lá esporadicamente. Através da observação foi possível perceber que as crianças A e B adaptaram-se facilmente, tendo ficado desde o segundo dia o dia inteiro na creche. As crianças C, D e E quando se iniciaram as observações já se encontravam lá há quatro meses pelo que demonstravam-se à vontade.

Quanto ao segundo objetivo, analisar a interação adulto-criança como forma de facilitar o processo de adaptação, pelo que foi observado, não existe uma diferença entre as crianças que iniciaram a creche naquele momento e as que já se encontravam lá, sendo que as diferenças ocorriam na apresentação do JI aos pais (passavam só algumas horas na creche nos primeiros dias). Todos os registos de

alergias, necessidades e preferências das crianças são feitos num diário que as auxiliares colocam na mochila das crianças e onde também registam a alimentação, necessidades fisiológicas e se falta alguma material para as crianças.

No que diz respeito ao terceiro objetivo, analisar o papel dos pais na adaptação da criança, verificámos que anteriormente a educadora deixava que os pais passassem algum tempo com as crianças na creche, mas na atualidade isto já não acontece, sendo que a educadora referiu durante uma conversa informal que isso dificultava a adaptação, uma vez que as crianças habituavam-se à presença dos pais na creche.

O quarto objetivo, observar as atitudes e comportamentos dos pais quando deixam a criança na creche, não foi cumprido, já que os pais entregavam as crianças no *hall* de entrada, não entrando no JI, o que não permitia que fossem observadas as reações dos mesmos.

Finalmente, relativamente ao quinto e último objetivo, observar o papel do educador na adaptação da criança, através das suas ações e estratégias, verificámos que o educador neste JI tem apenas o papel de mostrar o equipamento aos pais e explicar os horários, como se inicia o processo de adaptação, entregando também um folheto com essa informação aos mesmos (cf. Anexo 2). Assim, a criança é de imediato entregue às assistentes de ação educativa existindo pouco contacto com a Educadora Responsável. Pudemos assim verificar que não existe a preocupação, por parte da educadora, de compreender as reações das crianças, delegando essas responsabilidades nas assistentes que também não demonstravam grande cuidado com essas crianças, uma vez que só se dirigiam a essas em caso de choro, não existindo o cuidado de manter um contato mais próximo com a criança A e B para que estas se sentissem acolhidas, através da proximidade física, criação de ligações afetivas, existindo assim relações calorosas e atentas (Portugal, 2012) que iriam permitir que a criança se adaptasse mais facilmente ao novo espaço, aos adultos e às outras crianças.

Também foi possível perceber que as assistentes apenas tinham a preocupação de tratar das necessidades básicas das crianças. Sendo algo muito importante para o seu desenvolvimento, tal não é suficiente pois também é necessário ter a preocupação de colocar objetos/brinquedos com uma intencionalidade, para que as crianças explorem os mesmos, percebendo quais as suas dificuldades e preferências. Porém, as assistentes colocavam diariamente sempre os mesmos brinquedos. Também não existia muito diálogo entre as assistentes e as crianças,

sendo que isso verificava-se mais na assistente A que se dirigia às crianças normalmente, para repreender ou para retirar alguma coisa, por estarem a fazer muito barulho, não deixando que as crianças explorassem à vontade os objetos.

A maior dificuldade foi entrar em contato com os pais das crianças A e B, visto que eles recusaram de imediato a falar connosco para participarem na entrevista.

Assim, futuramente é importante compreender mais detalhadamente as reações dos pais ao deixarem as crianças da creche, visto que através das entrevistas duas das mães referiram que tinha sido mais complicado para elas a separação do que para as crianças.

Referências bibliográficas

- Alarcão, I. (1994). *Formação reflexiva de professores – estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Amaral, C.M. (2011). *Adaptação das crianças em contexto de creche*. (Dissertação de mestrado em educação e cuidados na primeira infância). Instituto Politécnico de Beja, Beja.
- Bertram, T., & Pascal, C. (2009). *Desenvolvendo a Qualidade em Parceria*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bondioli, A. & Mantovani S. (1998). *Manual de Educação Infantil*. Porto Alegre. Editora Artmed.
- Câmara, A. (2015). *Relatório de Estágio em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. (relatório final de estágio do mestrado em Ensino do 1.º CEB). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, Porto.
- Conselho Nacional da Educação. (2011). *Recomendação: A Educação dos 0 aos 3 anos*.
- Costa, J. (2013). *Avaliar para Aprender: Um Processo Reflexivo e Colaborativo potenciador da Aprendizagem em Biologia* (Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de Biologia e Geologia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário). Instituto de Educação da Universidade do Minho, Braga.
- Coutinho, S. (2010). *A adaptação em creche*. (Dissertação de mestrado em ciências da educação especialização em educação de infância). Universidade do Algarve, Faro.
- Diário da República (2005). Decreto-Lei nº 49/2005 de 30 de agosto. Lei de Bases do Sistema Educativo - Capítulo II – Secção II – Subsecção I - Artigo 7º. Retirado a 3 de abril, 2019.
- Formosinho, J. & Araújo, S. (2006). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto: Porto Editora.
- Gil, A. (1995). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas S.A.
- Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (1990). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Ketele, J., & Roegiers, X. (1999). *Metodologia da recolha de dados: Fundamentos dos*

- métodos de observações, de questionários, de entrevistas e de estudo de documentos.* Lisboa: Instituto Piaget.
- Leite, E, Malpique, M. & Santos, M. (1989). *Trabalho de Projecto – 2. Leituras Comentadas.* Porto: Edições Afrontamento.
- Magalhães, G. (2007). *Modelo de colaboração Jardim-de-infância/família.* Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Marques, M., Oliveira, C., Santos, V., Pinho, R., Neves, I. & Pinheiro, A. (2007). O educador como prático reflexivo. *Educação de Infância*, 6, 129-142.
- Ministério da Educação (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar.* Lisboa: Ministério da Educação.
- Oliveira, I. (2015). *A Adaptação das crianças às Instituições de Educação de Infância.* (Relatório do Projeto de Investigação). Instituto Politécnico de Setúbal, Setúbal.
- Pereira, L. (2014). *Estudo do Meio: uma área para atingir a interdisciplinaridade num 3º ano do 1º ciclo do ensino básico* (Relatório Final realizado no âmbito da Área Científica de Prática de Ensino Supervisionada). Escola Superior de educadores de infância Maria Ulrich, Lisboa.
- Portugal, G. (1998). *Criança, Famílias e Creche: uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche.* Porto: Porto Editora.
- Portugal, G. (2012). *Finalidades e práticas educativas em creche. Das relações, atividades e organização dos espaços ao currículo na creche.* Porto: Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade.
- Rodrigues, O. A. & Reis, S. C. (2009/2010). *Vinculação Crianças em Creche.* (Pós-Graduação em Educação da Criança em Creche). Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, Porto.
- Rosa, E. G. & Vasconcelos, T. (2010). Implicações da Supervisão de Estágios no processo de (auto)formação dos professores cooperantes. *Da Investigação às Práticas - Estudos de Natureza Educacional*, X (1), 91-126.
- Segurança Social. (2010). *Manual de processo-chave. Creche*, 2. Lisboa: Segurança Social.
- Serralha, C. I. (2014). *Adaptação da criança e da sua família: a otimização do processo de separação/adaptação.* (Relatório de Estágio do Mestrado em Educação Pré - Escolar). Instituto Politécnico de Setúbal, Setúbal.
- Tuckman, B. W. (2000). *Manual de investigação em educação.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Anexos

Anexo 1 – Pedido de autorização

Exma. Sra. Diretora [REDACTED]
[REDACTED]

Calheta

Assunto: Pedido de autorização para realização de estudo

Eu, Sandra Carolina Gomes de Matos, mestranda da Escola Superior de Educação de Viseu, venho por este meio solicitar a colaboração da vossa instituição, no sentido de realizar recolha de dados para fins de investigação para o relatório final de estágio, sob a orientação da Doutora Esperança Ribeiro.

No âmbito da investigação intitulada “Práticas de Ensino Supervisionadas com enfoque investigativo no processo de adaptação das crianças à creche”, pretendo observar as crianças de uma das salas da creche, com os objetivos de compreender as reações/emoções das crianças ao ingressarem na creche, analisar a interação adulto- criança como forma de facilitar o processo de adaptação, analisar o papel dos pais na adaptação da criança, observar as atitudes e comportamentos dos pais quando deixam a criança na creche e observar o papel do educador na adaptação da criança, através das suas ações e estratégias. O estudo será anónimo não identificando a identidade dos participantes.

Viseu, 15 de janeiro de 2018

Com os melhores cumprimentos,

Sandra Carolina Gomes de Matos

Anexo 2 – Programa de acompanhamento inicial

PROGRAMA DE ACOlhIMENTO INICIAL

Este Programa de Acolhimento Inicial diz respeito ao período de adaptação de cada criança.

No primeiro dia da criança no estabelecimento, existe uma educadora responsável por acolher a família realizando uma visita à instituição e indicando os procedimentos a adotar quando da frequência da criança. Esta facultará ainda algumas informações sobre os procedimentos ao nível do acolhimento diário e da rotina de cada sala, sem perturbar o regular funcionamento do mesmo, cumprindo normas de higiene e segurança dos diferentes espaços.

Dessa forma, a adaptação da criança deverá ser realizada com base numa calendarização pré-estabelecida entre a educadora responsável e a família que determina:

- o tempo de permanência no estabelecimento, sendo que nos primeiros dias a criança deve permanecer duas/três horas na respetiva sala, aumentando progressivamente o tempo;
- 5 dias de adaptação em diferentes horários que permitam o envolvimento em diferentes momentos da rotina diária (por exemplo: momento de atividade; refeição; repouso) de uma forma gradual e sem a presença da figura materna e/ou paterna;
- Cuidados iniciais a prestar, de acordo com o levantamento de necessidades;
- Outros aspetos relevantes para o acompanhamento da criança;
- Mochila com pelo menos duas mudas de roupa; toalhetes; fraldas; supositório, termómetro, pomada para eritema da fralda, um saco plástico para colocar a muda de roupa suja e pertences de transição (chupeta; neném; peluche).

DOCUMENTOS A APRESENTAR NO ATO DE INSCRIÇÃO

- Boletim de vacinas devidamente atualizado;
- IRS do ano anterior;
- Cartões de cidadão do encarregado de educação e criança;
- Despesas com habitação;
- Despesas com saúde;

Anexo 3 - Observações da creche (5 meses até aquisição de marcha)

Data	Descrição
14/02/2018 (9h00 às 11h00)	<p>Neste primeiro dia verifiquei que a creche tem ocupadas cinco das oito vagas existentes, sendo que dois dos bebés (A e B) começaram neste mesmo a ficar o dia inteiro. Estas duas crianças já tinham vindo dois dias antes, no primeiro dia tiveram duas horas e no segundo dia tiveram das 10h30 às 15h00. o menino A (7 meses) manteve-se irrequieto aquando da sua chegada, chorando algumas vezes, sendo que a auxiliar de acção educativa associou ao sono, mantendo-o numa espreguiçadeira para que este dormisse.</p> <p>A criança B (7 meses) como chegou à creche a dormir não foi possível verificar a reacção da sua chegada. A educadora manteve a criança no carrinho colocando o carrinho no quarto de dormir. Após a educadora ter saído a auxiliar colocou a criança C (10 meses) na espreguiçadeira para que este dormisse, porém este não demonstrava sinais de sono, visto que estava entretido a brincar na manta com brinquedos (livros de panos e bolas) e também pelo tempo que este demorou a adormecer.</p> <p>A criança E (11 meses) é a mais velha da creche, esta chegou por volta das dez e meia, a auxiliar colocou-o na manta onde tinha diversos brinquedos, este estava bem-disposto mas como estava a fazer algum barulho colocou-o na espreguiçadeira.</p> <p>Neste primeiro dia verifiquei que uma das auxiliares é um pouco ríspida a falar com as crianças e ameaça tirar os brinquedos ou a chupeta.</p> <p>Normalmente encontram-se duas auxiliares no berçário, porém uma delas estava de baixa médica.</p>
Tarde (16h15 às 18h30)	<p>Por volta das quatro horas da tarde se os pais não os tiverem vindo buscar estes estão a lanchar, sendo que as auxiliares dão os lanches com as crianças nas espreguiçadeiras, posto isto colocam as crianças na manta e dão lhes alguns brinquedos para brincarem. Por volta das cinco e meia colocam todas as crianças nas espreguiçadeiras e levam-nas para a sala comum onde apenas vem televisão. Todas as crianças dos 7 meses aos 5 anos ficam nesta sala até que os pais as vão buscar, sendo que muitos só chegam por volta das 18h30</p>
15/02/2018 (8h30 às 11h30)	As crianças que chegam antes das 9h30

<p>Tarde (16h00 às 18h00)</p>	<p>reúnem-se na sala comum onde vem televisão, estes estão acompanhados por uma duas auxiliares e uma educadora, estando presentes crianças dos 5 meses aos 5 anos. Às 9h30 cada grupo dirige-se para a sua sala (organizada por idades). As crianças que chegam depois das 9h30, os pais têm que ligar para a respetiva sala para que a auxiliar venha abrir a porta. À porta encontra-se um telefone e o número de cada uma das salas.</p> <p>Neste dia as duas crianças mais novas foram as primeiras a chegar, estas foram colocadas na manta com alguns brinquedos, a criança A começou de imediato a tentar agarrar os brinquedos, porém a criança B (têm as duas a mesma idade) ainda não adquiriu a capacidade de agarrar, sendo que esta não conseguia agarrar objectos nem se sentar, o que levou a educadora a questionar-se se esta poderia ter algum problema de desenvolvimento.</p> <p>A criança C (10 meses) é muito animada e independente, o que faz com que explore facilmente todo o espaço e brinquedos que a envolvem. A criança D (10 meses) teve três dias sem ir à creche o que fez com que essa se mantivesse chorona durante algum tempo, para a distrair a auxiliar deu-lhe diversos brinquedos, mas associou o choro ao sono, colocando-a na espreguiçadeira.</p> <p>por volta das dez horas as crianças encontravam-se todas nas espreguiçadeiras para dormir.</p> <p>Quando cheguei a criança E já não se encontrava na sala. Ao chegar à creche as crianças encontravam-se nas espreguiçadeiras e aí se mantiveram até à chegada dos pais, é de salientar que os pais muito raramente entram na sala, sendo que quando eles ligam para a sala para irem buscar as crianças a auxiliar já prepara a criança e leva a mesma na altura que vai abrir a porta.</p> <p>A criança C foi a primeira a sair, sendo que brindou a mãe com um largo sorriso, de seguida saiu a criança D também muito alegre. As crianças A e B são sempre as últimas a sair, sendo que depois das 17h30 estas vão para o hall de estrada onde estão as restantes crianças, estas duas crianças ao verem os pais esboçaram um sorriso.</p>
<p>16/02/2018 (8h00 às 11h00)</p>	<p>A criança C e a criança A, por norma, são sempre as primeiras a chegar, por volta das 8h15 já se encontram na sala comum, ambas apresentam um comportamento alegre e dão-se muito bem com as crianças maiores. Às</p>

	<p>9h30 foram para a sala onde brincaram um pouco. Às 9h45 chegou a criança D mal entrou levantou a cabeça do ovo para ver as restantes crianças e adultos, esta criança é muito curiosa e brincalhona, observando tudo à sua volta.</p> <p>A criança E chegou por volta das 10h00 e nessa altura foram todos para as espreguiçadeiras para dormir. É de salientar que todas as crianças precisam de alguém ao seu lado para conseguirem adormecer. A criança B na maioria das vezes é adormecida no colo e é a única que colocam no berço.</p>
19/02/2018 (8h00 às 11h00)	<p>Neste dia apenas a criança C e E se encontravam na sala comum, a criança E estava a socializar bem com as outras crianças e reagia ao contacto das crianças mais velhas. A criança C, neste dia estava irrequieta e chorou algumas vezes para chamar a atenção da educadora e auxiliares, porém ao ir para a sala acalmou, manteve-se ativo nas brincadeiras e socializou com todos através de sorrisos e balbuciando, podendo assim afirmar que esta criança não gosta de muita agitação e barulho. A criança D chegou quando já nos encontrávamos na sala e mais uma vez demonstrou-se muito à vontade e sorridente. As crianças A e B chegam sempre ao mesmo tempo, por volta das 10h00. A criança A normalmente vem a dormir. As crianças B quando chega colocam-no na espreguiçadeira, uma vez que ele não consegue manter-se sentado, este demonstra desconforto através do choro mas as auxiliares não dão muita importância. Normalmente sou eu que vou conversar e interagir com ele através de brinquedos.</p>
20/02/2018	<p>Neste dia a criança C, D e E foram as primeiras a chegar mas todas se mantiveram calmas a observar o que se passava na televisão, ao irem para a sala dois deles foram para a piscina de bolas e a criança E dirigiu-se para uma cadeira onde começou a bater com um carro, esta criança quase todos os dias dirigia-se para a cadeira com algum objeto para começar a bater com o objeto na mesma, a auxiliar foi de imediato retirar o objeto.</p> <p>As outras crianças duas crianças chegaram nos carrinhos a dormir e mantiveram-se lá até acordarem, sendo que as auxiliares levaram as crianças para a sala dos berços.</p>
21/02/2018 (8h00 às 11h00)	<p>Durante esta semana as crianças C, D e E são sempre as primeiras a chegar, no dia de hoje a criança D e E demonstraram-se calmas e descontraídas não observando</p>

<p>Tarde</p>	<p>nenhuma reação mais ou menos entusiástica, ao contrário da criança C que inicialmente encontrava-se calma, porém, passado algum tempo e com a chegada de mais crianças demonstrou o seu desconforto através do choro, normalmente uma das auxiliares embala a criança na espreguiçadeira, porém nesta semana pediram-me para cuidar dele. A primeira educadora só chegou hoje à sala comum por volta das 9h. as 9h20 levamos as crianças para a sala onde a criança C demonstra um comportamento mais descontraído e dirige-se de imediato para a piscina das bolas. As crianças A e B têm chegado esta semana apenas por volta das 10h, sendo que normalmente vem a dormir como aconteceu no dia de hoje. Ao acordar permaneceram calmos, principalmente a criança A estava muito sorridente, este foi para a manta onde a auxiliar colocou alguns brinquedos à sua volta. A criança B foi para a espreguiçadeira, uma vez que, esta não se consegue manter na posição de sentado, a auxiliar entregou dois brinquedos à criança.</p> <p>Ao chegar a criança D já não estava presente e a criança C saiu de seguida, sendo que a auxiliar ao lhe vestir o casaco este começou a espernear e a rir. A criança E também à saída demonstrou-se mais irrequieta, percebendo que estava na hora da saída. as crianças A e B normalmente chegam e saem à mesma hora, estas foram colocadas no carrinho, não sendo possível observar as suas reações ao verem os pais.</p>
<p>22/02/2018</p>	<p>Esta manhã a criança C, D e E foram novamente as primeiras a chegar, sendo que o mais irrequieto foi novamente a criança C, estando as outras concentradas na televisão, este como estava irrequieto foi-lhe entregue uma bola com uma cor forte (rosa-choque) o que fez com que se concentrasse nela por algum tempo, porém quando perdeu o interesse começou de novo a chorar. Como ninguém foi ter com ela dirigi-me a ele e comecei a conversar e a atirar suavemente a bola o que o entreteve durante algum tempo. Novamente quando chegou à sala acalmou e dirigiu-se para a piscina de bolas. As crianças A e B chegaram por volta das 10h, sendo que a criança foi para a manta mas colocaram-no deitado de barriga para cima o que dificultou os seus movimentos, passado algum tempo eu sentei-o para que se movimentasse melhor e pudesse alcançar</p>

	<p>mais facilmente alguns objetos. a criança B foi colocada na espreguiçadeira pelas razões que já referi anteriormente, este demonstrou-se irrequieto e choroso, pelo que me dirigi a ele com alguns brinquedos de tamanho reduzido, pois este tem dificuldades em agarrar. Durante algum tempo acalmou mas começou novamente a chorar pelo que as auxiliares disseram-me para pegar nele e coloca-lo de barriga para baixo sobre os meus joelhos e massajar-lhe as costas e pescoço, porém esta técnica não resultou o que fez com que fosse coloca-lo no berço para ver se adormecia, enquanto isto as auxiliares estavam a adormecer as outras quatro crianças. Eu mantive-me com a criança B embalando-o mas este não acalmou, uma das auxiliares veio e disse para o deixar que ele adormecia sozinho, como isso não aconteceu, continuando a chorar estes colocaram mel na chucha mas este só acalmou enquanto sentia o sabor do mel começando novamente a chorar, uma das auxiliares foi busca-lo deu mais um pouco de mel e embalou-o mas não obteve o resultado pretendido, só quando deu um pouco de chá e o embalou é que este acalmou.</p>
23/02/2018	<p>Como nos outros dias primeiras as primeiras crianças a chegar foram C, D e E, neste dias as três crianças mantiveram-se todas calmas na sala comum. Ao irem para a sala às nove e meia estas foram brincar como é normal, posteriormente foram dormir e de seguida foram almoçar. Neste dia a criança A e B não foram á creche. A criança E neste dia estava com um comportamento mais agressivo com as outras duas crianças, batendo nelas e tentando morder, a auxiliar falou alto com o menino chateando-se e de seguida deitou-o na espreguiçadeira dizendo a ele que era o seu castigo ao mesmo tempo que tirou a chucha.</p>

Anexo 3 – Entrevista

Entrevista aos pais na adaptação das crianças à creche

Objetivos:

Compreender as reações/emoções dos pais quando deixam a criança na creche.

1. Como se concretiza a separação e adaptação do seu filho?
2. Como se sente no momento da separação?
3. Qual o seu maior medo?
4. Como acha que o seu filho se adaptou?

Anexo 4 – Entrevista mãe da criança C

- 1- Quando foi para começar na creche, ele estava com cinco meses e meio. Acho que correu muito bem o período de adaptação. Durante os primeiros dias ele foi algumas horas à creche mas para o final da semana ficou o dia inteiro.
- 2- Na minha opinião a separação foi mais difícil para mim do que para ele. Durante nove meses de gravidez ele fazia parte de mim. Assim que nasceu tornou-se verdadeiramente aquela relação de mãe e filho e amor à primeira vista. Pra mim foi extremamente complicado.

Via nele que gostava de ir para a creche, gostava das pessoas que cuidavam dele e foi um alívio para mim, ver que as pessoas tratavam dele como se fosse seu filho.

- 3- O meu maior medo era ele não se adaptar ou não ser bem tratado.
- 4- Ele adaptou-se muito bem, não tem problema nenhum em ir para a creche, estou muito satisfeita com a forma como tratam o meu filho.

Anexo 5 – Entrevista mãe da criança D

- 1- Normalmente a educadora responsável pela creche faz uma visita guiada para que os pais e os bebés fiquem a conhecer os funcionários, colegas e o espaço. O bebé também tem uma semana de adaptação, ou seja, a primeira semana do mês que o bebé entra é a fase de adaptação mas no meu caso correu bem para a minha bebé como para mim.
- 2- Claro que na primeira semana que o bebé vai para a escolar fiquei com um pouco de receio, será que vai correr bem? Será que se vai adaptar?
Mas no meu caso correu tudo bem, tanto a educadora como as funcionárias são boas para ela e fiquei mais descansada.
- 3- O meu maior medo é que possam ser maltratados, ouvimos tanta coisa nas redes sociais ou que apanhe alguma doença.
- 4- Como a minha filha é muito dada aos outros foi fácil a sua adaptação, não tivemos qualquer problema.

Anexo 6 – Entrevista mãe da criança E

- 1- A creche do meu filho tem por hábito fazer uma fase de habituação para ver como o bebé reage àquela nova etapa. Inicialmente ele ia à escola uma ou duas horas, posteriormente ficou até à hora de almoço e depois ficou todo o dia. Os responsáveis pelo meu filho sempre me deixaram à vontade para ligar sempre que quisesse para saber dele. Em geral a adaptação foi fácil e rápida para ele.
- 2- Passado algum tempo a separação começou a ser mais fácil, pois já se tornou uma rotina. Inicialmente era muito difícil deixá-lo com pessoas desconhecidas e que não conheciam os hábitos dele.
- 3- O meu maior medo era não saber como ele estava a reagir aquele novo mundo e não o poder confortar quando ele chorasse ou sentisse a minha falta.

4 - O meu filho adaptou-se muito bem, ele é um bebé muito sociável